PLAN INTERNATIONAL

Escolhas Reais, Vidas Reais

A Divisão Desigual do Trabalho de Cuidados e seu Impacto sobre as Meninas

Relatório Resumido

FIGURA 1: Mapa do Estudo em Grupo Escolhas Reais, Vidas Reais

Desde 2007, o estudo da Plan International *Escolhas Reais, Vidas Reais* vem acompanhando um grupo de meninas em nove países, rastreando suas vidas desde o nascimento em entrevistas anuais com familiares e, a partir da idade de cinco anos, com as próprias meninas, usando metodologias específicas para cada idade.
Este estudo longitudinal singular, com sua visão detalhada da vida diária das meninas e suas famílias, se concentrou em examinar as vulnerabilidades cruzadas de pobreza, gênero e idade. Todos os anos, a Plan International publica um resumo das entrevistas anuais e das tendências longitudinais exploradas na pesquisa. Este ano, a análise e as entrevistas se concentraram no uso do tempo. Ao longo dos anos, o estudo demonstrou que, na maioria das famílias, desde muito cedo, são as meninas que "ajudam" suas mães: elas cuidam de seus irmãos e irmãs, cozinham, limpam e muitas vezes trabalham sem remuneração em um negócio familiar. Como elas se sentem sobre seu papel na família? Suas responsabilidades domésticas estão aumentando? Se sim, que efeito isso tem em seus esforços para estudarem, socializarem e se prepararem para uma futura carreira?

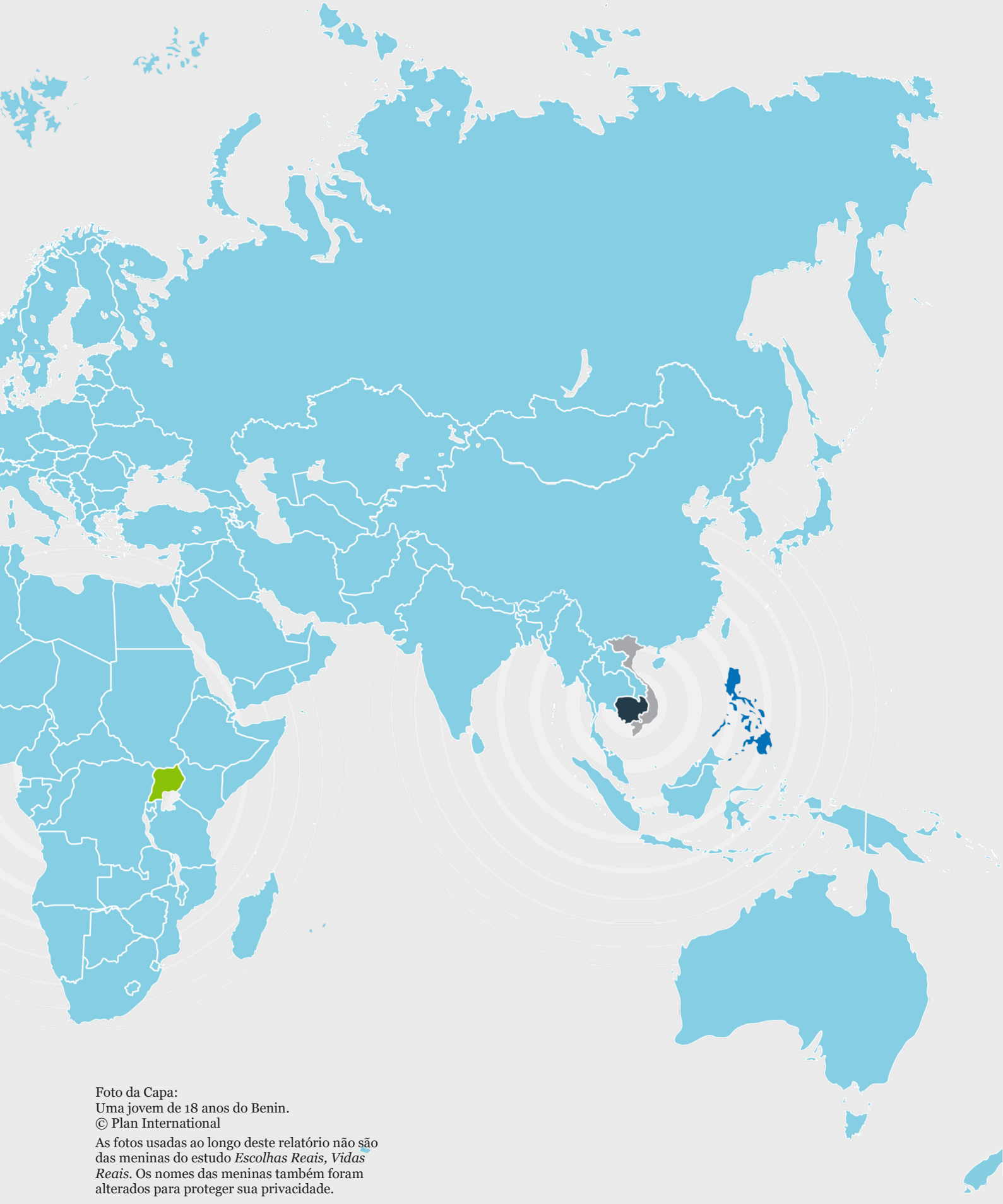


Foto da Capa:
Uma jovem de 18 anos do Benin.
© Plan International

As fotos usadas ao longo deste relatório não são das meninas do estudo *Escolhas Reais, Vidas Reais*. Os nomes das meninas também foram alterados para proteger sua privacidade.

Índice

Introdução	4
Nossa metodologia	7
Entendendo o contexto	8
O que as meninas nos contaram	11
Para onde vai o tempo	12
Quem faz o que e por quê?	15
Contabilizando o custo da divisão desigual de cuidados	21
Não precisa ser assim: defendendo a mudança	28
Conclusão	31
Recomendações	32
Notas de Rodapé	36

Uma menina de 14 anos e seu irmão de 9 anos pescando no Brasil.
© Plan International

Este é um resumo do relatório *A Divisão Desigual do Trabalho de Cuidados e seu Impacto sobre as Meninas.* O relatório técnico completo e as traduções em francês e espanhol do relatório completo e do resumo podem ser encontrados aqui.

Introdução

Em 2007, a Plan International iniciou um estudo de pesquisa singular, acompanhando um grupo de 142 meninas de nove países em três continentes. O objetivo do estudo, *Escolhas Reais, Vidas Reais*, era rastrear este grupo de meninas do nascimento até os 18 anos para ter uma melhor compreensão da realidade de suas vidas diárias e, através disto, examinar como o gênero molda suas expectativas e as oportunidades disponíveis para elas.

Ao longo dos anos, o estudo realizou entrevistas anuais em profundidade com as meninas e seus responsáveis e documentou em detalhes as experiências das meninas, suas famílias individuais e o ambiente em que vivem. Temos o privilégio de ouvir as meninas em suas próprias palavras, e o estudo contém uma riqueza de informações que descrevem não apenas suas rotinas e experiências diárias, mas também suas esperanças, sonhos e aspirações.

Esta análise detalhada de longo prazo das infâncias e da vida familiar das meninas lança luz sobre as causas profundas da desigualdade de gênero: a investigação demonstra claramente como meninas de todos os países e culturas são socializadas com normas sociais de gênero que moldam e restringem as suas oportunidades, comportamentos e atitudes.

As vozes das meninas, incluindo suas recomendações para mudança, fornecem uma visão única que não obtemos frequentemente de estudos quantitativos em larga escala e que informam o trabalho da Plan International em todo o mundo. Este ano, nossa pesquisa com o grupo de meninas se concentra no tema do uso do tempo. Ouvimos meninas em todo o mundo sobre como elas estão dividindo seu tempo entre suas várias atividades e responsabilidades, e o que motiva e impulsiona o uso do seu tempo. Com base em 18 anos de dados históricos, fornecemos uma imagem diferenciada das formas complexas como o uso do tempo e as responsabilidades de cuidado das meninas mudam ao longo de suas infâncias e adolescências, e os impactos disto em suas vidas.

Aprendemos com as meninas em suas próprias palavras sobre os apoios de que elas precisam enquanto passam pelas transições do final da adolescência, da infância para a idade adulta e da escola para o emprego, e para se prepararem bem para alcançar suas aspirações e objetivos.

> “Eu gostaria de ser uma pessoa forte, determinada, que não desiste dos seus sonhos, que persiste até conseguir o que quer.”
>
> **– Bianca, 17 anos (2024), Brasil**

À medida que passam por estas transições, as adolescentes vivenciam muitas demandas que competem por seu tempo. Isto acontece desde a primeira infância, mas neste momento de suas vidas se torna algo particularmente urgente, pois impacta profundamente a conclusão de sua educação, a progressão para a participação econômica e os resultados futuros. Meninas em todo o mundo se esforçam para conciliar o desejo de permanecer na escola, o trabalho remunerado para desenvolver habilidades para o futuro e aumentar sua independência econômica, e o trabalho de cuidados, não remunerado, para suas famílias e comunidades. Elas também tentam encontrar tempo para as amizades e a vida social, e para descansar e se recuperar para garantir sua saúde e bem-estar.

Estas demandas conflitantes significam que muitas meninas ao redor do mundo são profundamente pobres em termos de tempo. No entanto, na maioria dos lares, pouca atenção é dada às consequências do trabalho das meninas em casa. Embora suas contribuições sejam frequentemente tidas como certas, a divisão desigual de cuidados tem impactos profundos em sua educação, suas futuras carreiras, sua saúde e bem-estar e suas aspirações para o futuro.

Em 2024, a pesquisa realizada para o relatório *Escolhas Reais, Vidas Reais* sobre o uso do tempo das meninas foi baseada em entrevistas com um grupo de 92 meninas e seus responsáveis em nove países.[a] Tendo acompanhado a vida das meninas desde o nascimento, podemos refletir sobre as histórias e experiências anteriores que elas e seus responsáveis compartilharam. Ao fazer isso, o estudo pode explorar os fatores e as principais motivações que moldaram o uso do tempo das meninas ao longo de suas vidas.

a. Ao longo de 18 anos, algumas meninas inevitavelmente abandonaram o estudo por uma série de razões – uma das mais comuns foi a migração.

ESCOLHAS REAIS, VIDAS REAIS

Os padrões do trabalho não remunerado das meninas são estabelecidos na primeira infância, quando observam e imitam a divisão desigual do trabalho de cuidados em suas casas. Ao longo dos anos, as normas de gênero sobre o trabalho não remunerado das meninas são reforçadas — e muitas passam a acreditar que é "natural" que as meninas façam mais em casa do que os meninos. À medida que as meninas assumem cada vez mais responsabilidades pelos cuidados, há um custo crescente para seu nível educacional, suas carreiras futuras, seu desenvolvimento social e bem-estar, e suas esperanças para o futuro.

Três gerações de mulheres no Togo.
© Plan International

> "Eu costumava ter mais tempo, mas agora tenho mais responsabilidades domésticas, porque meu irmão e minha irmã não estão morando aqui. Estou sempre atrasada para a escola, como é evidente, porque tive que repetir a matéria."
>
> **– Anti-Yara, 15 anos (2021), Togo**

O trabalho de cuidados não remunerado

O trabalho de cuidados não remunerado é o tempo que os indivíduos gastam realizando tarefas em casa, incluindo cozinhar, limpar, coletar água e combustível e cuidar de outras pessoas, como crianças, familiares doentes ou idosos – e muitos mais.[1] Motivado pelo foco no investimento no desenvolvimento e bem-estar dos outros,[2] o trabalho de cuidados é essencial para o bem-estar individual, comunitário e social; sustenta nosso padrão de vida e mantém o tecido dos relacionamentos dentro das famílias e comunidades.[3] No entanto, normas de gênero generalizadas significam que esse trabalho é realizado predominantemente por mulheres e meninas.

O trabalho de cuidados não remunerado inclui atividades diretas e indiretas: atividades diretas são aquelas que envolvem o cuidado direto de pessoas (como alimentar ou dar banho em uma criança, supervisionar outras pessoas), enquanto o cuidado indireto inclui o trabalho doméstico que atende às necessidades de cuidado de um indivíduo (por exemplo, cozinhar, limpar, coletar lenha/água).

Não é remunerado porque surge dessas obrigações relacionais e sociais; é *trabalho* porque requer tempo e energia daqueles/as que o realizam; e é *cuidado* porque serve às pessoas e ao seu bem-estar.[4]

"É assim que as coisas são..."

Fica claro, a partir das experiências das meninas do estudo Escolhas Reais, Vidas Reais, que elas são induzidas a papéis de gênero de cuidados não remunerados desde cedo, e frequentemente internalizam divisões desiguais de trabalho em suas casas como sendo "naturais" ou "como as coisas são". O trabalho de cuidados não remunerado é feito em todos os lugares, principalmente por mulheres e meninas: a quantidade de trabalho varia de casa para casa, de acordo com as circunstâncias econômicas e a composição familiar, mas é raro encontrar uma onde as responsabilidades domésticas não sejam baseadas em gênero.

As normas sociais, frequentemente inquestionáveis, ditam como o trabalho em casa é dividido, e definem a expectativa de que esse trabalho deve ser feito por mulheres e meninas. A forma como as meninas passam seu tempo influencia suas aspirações, confinando-as às expectativas de um papel doméstico e de cuidados, pois elas não têm os modelos – e frequentemente o apoio – para sonhar com futuros diferentes. A falta de tempo de lazer e, em muitos casos, a falta de sono, contribuem para o estresse e o esgotamento. E como esta carga de trabalho é injustamente baseada em gênero, o impacto é maior para as meninas do que para os meninos.

Nossa pesquisa conclui que a questão do trabalho de cuidados não remunerado decorre menos da natureza do trabalho em si, mas da quantidade desse trabalho e de sua *divisão desigual por gênero* – e do impacto que essa desigualdade tem na capacidade das meninas e meninas de dedicar tempo a outras atividades.

> “Às vezes eu faço muita coisa. Especialmente quando não tenho aula. Frequentemente recebo ordens... [me pedem para fazer] coisas no campo. Na colheita do arroz. Então eu pego água daqui e entrego para quem trabalha nos campos. Ou cozinho e depois entrego na plantação. Quando eu cozinho, também lavo roupa. E corro para a plantação quando me mandam.”
>
> **– Jasmine, 18 anos (2024), Filipinas**

> “Tenho tempo suficiente para estudar inglês e fazer mais tarefas domésticas [...] mas não tenho muito tempo para encontrar meus amigos... Alguns dos meus parentes homens não fazem nenhuma tarefa doméstica e também não estudam muito.”
>
> **– Davy, 16 anos (2023), Camboja**

Este relatório analisa o uso do tempo das meninas através das palavras e experiências das meninas do grupo. O que se espera delas, o que elas fazem, como se sentem sobre isso e como isso afetará o que elas podem fazer com suas vidas?

Com base em nossa própria pesquisa e na de outras organizações, a Plan International reconhece que o trabalho de cuidados não remunerado afeta, de forma esmagadora, muitos aspectos da vida de meninas e mulheres ao longo do ciclo de vida. Acreditamos que o trabalho de cuidados não remunerado deve ser formalmente reconhecido e valorizado apropriadamente como trabalho, e investimentos devem ser feitos em infraestrutura e serviços públicos, como educação, saúde e proteção social, a fim de reduzir o nível de trabalho de cuidados realizado por meninas e mulheres e minimizar o impacto desse trabalho no uso geral do seu tempo.

A Plan International acredita que mudanças nas normas sociais, que redistribuem a responsabilidade do trabalho de cuidados não remunerado entre meninas e mulheres e meninos e homens, é essencial para alcançar a igualdade de gênero, e que devemos centralizar as vozes de meninas e mulheres em conversas sobre o trabalho de cuidados não remunerado e o uso de tempo de forma mais ampla, para garantir que suas necessidades e interesses sejam representados e suas recomendações para mudanças sejam ouvidas.[5]

Duas meninas de 11 anos retornam de uma coleta de água no rio no Camboja.
© Plan International

Nossa metodologia [b]

A metodologia de pesquisa principal do estudo *Escolhas Reais, Vidas Reais* é baseada em entrevistas em profundidade com as meninas e seus responsáveis, realizadas anualmente para permitir a comparação e análise das tendências e de como as coisas mudaram para as meninas ao longo de suas infâncias e adolescências.

Todos os anos, usamos as seguintes abordagens:

01 Entrevistas com as meninas

Entrevistas em profundidade com as meninas explorando sua educação, dinâmica familiar, saúde e direitos sexuais e reprodutivos (SDSR), atitudes e opiniões sobre normas de gênero e muitos outros temas.

02 Entrevistas com os responsáveis

Estas entrevistas, geralmente com um dos pais de cada menina, cobrem temas semelhantes às entrevistas das meninas e fornecem o contexto para as experiências delas, além de destacar tendências geracionais em crenças e comportamentos.

03 Inventários Domésticos

Esta ferramenta registra uma "fotografia" dos lares das meninas. Eles foram coletados em algum formato desde 2018, permitindo a comparação e análise de mudanças ao longo do tempo. Os inventários incluem perguntas sobre composição familiar, renda, despesas, segurança alimentar, frequência escolar e ocupações.

04 Observação

As notas das entrevistadoras fazem parte dos dados. Isso inclui observações sobre o tom, a linguagem corporal e a comunicação não verbal das meninas. Elas são usadas com muita parcimônia, pois as observações são subjetivas.

Uma das ferramentas de **coleta de dados** que usamos em 2024 foi um exercício sobre o uso do tempo. Ele cobriu um período de 24 horas em intervalos de 60 minutos, com espaço para atividades "primárias" e "simultâneas".[c] Isto nos permitiu entender a proporção de tempo que as meninas gastam em cada tipo de atividade que realizam, bem como quantas tarefas simultâneas realizam enquanto fazem a atividade principal.

Em 2024, como parte das entrevistas com as famílias, também perguntamos aos responsáveis pelas meninas sobre o uso do tempo delas – isto nos permitiu comparar as estimativas de pais, mães e cuidadores/as sobre as atividades das meninas com o que as próprias meninas estavam relatando.

A **aprovação ética** para a coleta de dados de 2024 para o estudo Escolhas Reais, Vidas Reais foi fornecida pelo *think tank* de assuntos globais, ODI, em fevereiro de 2024; a aprovação ética em nível nacional foi recebida nos países focais relevantes, quando necessário. Todas as atividades de pesquisa foram realizadas de acordo com as políticas e procedimentos de ética e salvaguarda de pesquisa da Plan International[6] – e os princípios feministas de pesquisa orientaram todas as atividades de coleta de dados.

b. Para a metodologia completa, consulte o Relatório Técnico de mesmo nome, disponível em: https://plan-international.org/publications/out-of-time/
c. Quando uma menina listou uma atividade em um bloco de uma hora, isto foi representado em todo este relatório como se ela gastasse 1 hora nessa atividade; se a mesma atividade foi listada em blocos de 3 horas, então foi relatado que ela gasta 3 horas nessa atividade. Quando várias atividades foram listadas no mesmo bloco, a menos que registrado de outra forma pela menina, interpretamos isto como a hora sendo dividida igualmente entre as atividades; por exemplo, se duas atividades foram listadas, isto foi relatado como 30 minutos gastos em cada uma. Horas simultâneas são registradas como tempo adicional: por exemplo, se uma menina registrou 24 horas de atividades principais e, em seguida, mais 2 horas de atividades simultâneas (por exemplo, supervisionar uma criança enquanto lava roupa), então 26 horas de atividades são registradas. Devido a este método de cálculo do uso do tempo das meninas, pode haver casos neste relatório em que o uso do tempo relatado por uma menina parece somar mais de 24 horas por dia; isto é intencional e demonstra as consideráveis multitarefas e a consequente pobreza de tempo vivenciada por muitas das meninas.

Entendendo o contexto

Uma menina de 18 anos das Filipinas tem que fazer longas e desafiadoras caminhadas todos os dias para encontrar fontes de água limpa.

© Plan International

Em todo o mundo, mais de três quartos do trabalho de cuidados não remunerado é realizado por mulheres e meninas.[7]

As meninas entrevistadas para esta pesquisa falam sobre estarem sobrecarregadas e a falta de tempo é um fator significativo na forma como descrevem suas vidas diárias. **É um padrão refletido em vários estudos que revelam o desequilíbrio entre como mulheres e meninas gastam seu tempo em comparação com homens e meninos.**

Há uma infinidade de atividades e responsabilidades a serem encaixadas no dia, incluindo educação, trabalho remunerado, socialização e construção de redes sociais, hobbies e tempo de lazer, trabalho comunitário e voluntário, descanso e cuidados pessoais e o trabalho de cuidados não remunerado.

> “É uma grande mudança em comparação aos anos anteriores. Agora, não posso andar por aí e conversar com meus amigos. Estou ocupada com minhas tarefas escolares e cuidando de meus sobrinhos e sobrinhas.”
>
> **– Reyna, 16 anos (2023), Filipinas**

Definição:

“Uso do tempo” refere-se às atividades em que as pessoas estão envolvidas ao longo de um período de 24 horas: **“uso do tempo das meninas”** significa, portanto, uma análise das atividades em que as meninas estão envolvidas diariamente.

O trabalho das mulheres

Globalmente, as meninas gastam 160 milhões de horas a mais por dia em tarefas domésticas do que os meninos da sua idade.[8]

No total, meninas de 5 a 14 anos, em todo o mundo, gastam 550 milhões de horas todos os dias no trabalho doméstico e de cuidados, e as meninas de 14 anos gastam uma média de nove horas por semana em responsabilidades de cuidados.[9] Aos 19 anos, as meninas gastam entre três e quatro horas por dia no trabalho doméstico e de cuidados.[10]

Pesquisas feministas investigaram o que impulsiona uma divisão desigual de gênero do trabalho de cuidados não remunerado, e os estudos revelam que a forma como o trabalho de cuidados é compartilhado em casa e nas comunidades é moldada e aplicada por normas de gênero da sociedade que dizem que certos papéis são "femininos" e certos papéis são "masculinos".[11,12] Outros fatores também influenciam a quantidade de trabalho de cuidados não remunerado em uma casa – como a tecnologia e a infraestrutura disponíveis (como um fogão a gás ou água fornecida pela rede elétrica), a disponibilidade e o custo de substitutos para realizar ou terceirizar o trabalho de cuidados (como serviços de creche), a constituição das famílias e o controle e poder de decisão que os membros de um agregado familiar têm – especialmente sobre como o rendimento é gasto.[13,14]

Uma jovem vietnamita de 13 anos pendura roupas em casa.
© Plan International

A crise climática e o trabalho de cuidados não remunerado

Os impactos das mudanças climáticas nas famílias podem intensificar as responsabilidades de trabalho de cuidados das meninas. As mudanças climáticas podem causar um aumento do trabalho direto de cuidados (cuidar de pessoas feridas durante eventos climáticos extremos ou para aquelas que adoecem como resultado de desnutrição ou surtos de doenças relacionadas ao clima) e do trabalho indireto relacionado a danos e interrupções na atividade da agricultura, insegurança alimentar e hídrica e perdas de meios de subsistência das famílias.[15] Estes choques e estressores se cruzam com as normas de gênero, o que significa que as meninas geralmente são obrigadas a substituir o papel de suas mães em casa quando uma perda de meios de subsistência força a mãe a buscar trabalho remunerado alternativo (ou mais trabalho) fora de casa. Esse risco é particularmente alto em países com baixos níveis de proteção social e em famílias multigeracionais onde há crianças pequenas, parentes doentes ou pessoas mais velhas na família que precisam de cuidados.[16]

Em 2023, o estudo *Escolhas Reais, Vidas Reais* compartilhou a história de Reyna — uma menina de 16 anos das Filipinas cujo pai, um trabalhador do campo, tem lutado com a colheita devido aos padrões climáticos cada vez mais extremos e imprevisíveis. Como resultado das perdas de meios de subsistência, os pais de Reyna tiveram que assumir uma carga de trabalho adicional para compensar, deixando Reyna responsável por cuidar de seus irmãos, irmãs, sobrinhos e sobrinhas, e pelas tarefas domésticas. Reyna diz que isso a deixou com tempo limitado para estudar e socializar, e ela está preocupada com seu desempenho escolar e deprimida com o número de responsabilidades que tem.[17] O aumento do trabalho de cuidados não remunerado de Reyna pode ser diretamente ligado aos impactos das mudanças climáticas – e também à influência prejudicial dos papéis de gênero.

Estudos revelaram que as meninas têm mais probabilidade de se envolver em atividades de cuidados em casa, como cozinhar, limpar e cuidar de crianças,[18,19] pois isto é considerado uma preparação para as responsabilidades que terão quando adolescentes e adultas.[20] Os meninos, por outro lado, têm mais probabilidade de serem envolvidos em tarefas ao ar livre, como coletar lenha ou pastorear animais, e é menos provável que isto seja enquadrado como treinamento para suas responsabilidades futuras.[21] Estudos também revelaram que os meninos tendem assumir menos tarefas domésticas à medida que crescem [22] – e particularmente quando têm empregos remunerados – enquanto que à medida que as meninas crescem, sua parcela de responsabilidades domésticas aumenta, independentemente de também terem um emprego fora de casa ou não.[23,24]

O trabalho que as meninas realizam em casa muitas vezes não é reconhecido como cuidado ou labor – em vez disso, tende a ser descrito como "ajuda" ou uma parte cotidiana da infância. Isso minimiza e enfraquece o valor das contribuições das meninas – e torna mais provável que as próprias meninas não reconheçam a extensão do trabalho de cuidados que estão fazendo.[25,26]

> "Eu ajudo a minha mãe a fazer as tarefas de limpeza, a limpar a bagunça e as mesas, a recolher as roupas do meu irmão."
>
> **– Stephany, 8 anos (2015), El Salvador**

As normas de gênero sobre os papéis de meninas e meninos são introduzidas e reforçadas para as crianças dentro de casa: desde cedo, as meninas aprendem que as tarefas domésticas são uma parte inevitável de ser menina. À medida que crescem, elas observam a dinâmica dos pais e, muitas vezes, recebem uma parcela maior de tarefas do que seus irmãos. Quando esses padrões são estabelecidos na primeira infância, eles são considerados "naturais" – tornando-os difíceis de questionar ou desafiar.

Uma menina de 10 anos no Camboja ajuda a mãe com a horta da família.
© Plan International

Normas de gênero, casamento infantil e trabalho de cuidados não remunerado

O casamento e a união infantil, precoce e forçada (CEFMU) são um fator significativo no trabalho de cuidados não remunerado de meninas, e estudos sugerem que meninas casadas ou em união estável passam mais do que o dobro do tempo no trabalho de cuidados não remunerado do que as solteiras.[27] O CEFMU está profundamente enraizado em desigualdades de gênero e normas sociais prejudiciais que desvalorizam e restringem a agência e a tomada de decisões de mulheres e meninas, e preservam estruturas de poder patriarcais.[28] Também é impulsionado — e exacerbado — pela pobreza, o desejo de controlar a sexualidade de meninas e mulheres, desastres e crises humanitárias e estruturas legislativas fracas.

Globalmente, uma em cada cinco meninas ao redor do mundo se casa antes dos 18 anos,[29] com taxas mais altas na África Ocidental e África Central (39 por cento), em ambientes frágeis (35 por cento) e entre meninas de famílias mais pobres.[30] Entre os nove países focais do *Escolhas Reais, Vidas Reais*, três têm taxas de CEFMU maiores que 30 por cento (Benim, República Dominicana e Uganda), outros três têm taxas maiores que 25 por cento (Brasil, El Salvador e Togo), e os três países restantes têm taxas maiores que 15 por cento.[31,32]

O CEFMU também está associado a taxas mais altas de gravidez na adolescência e maternidade precoce, o que tem implicações para as responsabilidades de cuidados: meninas casadas têm mais probabilidade de começar a ter filhos mais cedo do que as solteiras e de ter menos tempo entre suas gestações.[33] Meninas que são mães se tornam responsáveis pelo cuidado direto de seus filhos – como alimentação e banho - bem como pelo cuidado indireto associado às tarefas de rotina da casa.

O que as meninas nos contaram

À medida que as meninas do estudo, agora com 17 e 18 anos, fazem a transição da infância para a vida adulta e do ensino médio para o ensino superior e participação econômica, seu uso do tempo muda e evolui. Elas vêm de nove ambientes muito diferentes e enfrentam diversas pressões sobre seu tempo, mas uma coisa que todas têm em comum é se sentirem sobrecarregadas.

Uma jovem carrega seu irmãozinho nas costas no Vietnã.

© Plan International

Muitas das meninas fazem verdadeiros malabarismos para conciliar a educação, o trabalho remunerado fora de casa, uma significativa carga de trabalho doméstico e de cuidados, e muitas vezes ainda mais trabalho não remunerado, contribuindo para os negócios ou plantações da família. Além disso, elas tentam encontrar tempo para socializar com amigos, se envolver em hobbies e atividades de lazer, participar da vida comunitária, cuidar de sua saúde e bem-estar e dormir o suficiente.

Para onde vai o tempo

Educação

56 das 92 meninas que participaram das entrevistas em 2024 estão no ensino médio, concluindo seus estudos.

Todas as meninas do estudo no Vietnã que continuam a estudar estão atualmente no ensino médio, assim como 13 das 14 participantes nas Filipinas. Entre aquelas que ainda estão no ensino médio, o tempo médio gasto por dia em sua educação é de quase nove horas, incluindo duas horas e quinze minutos gastas em tarefas de casa.

> "Eu estudo em tempo integral. Eu estudo todas as manhãs, 6 dias por semana. Além disso, eu tenho aulas extras. Eu faço aulas extras durante a semana [...] talvez eu tenha 2 aulas extras todo dia, cada uma com 1 hora e 20 minutos."
>
> **– Yen, 18 anos (2024), Vietnã**

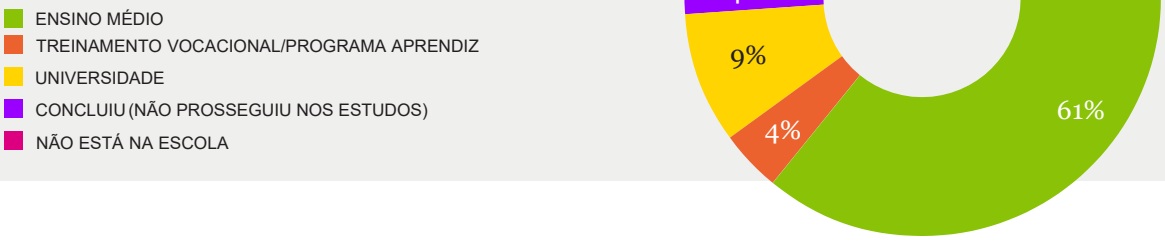
Doze meninas do estudo se formaram na escola, incluindo seis da República Dominicana e três do Brasil. Em todo o estudo, oito meninas que se formaram no ensino médio foram para a universidade ou para cursos de transição para a universidade. Elas estão estudando uma ampla gama de disciplinas – de obstetrícia a engenharia eletromecânica, a literatura.

> "Atualmente, estou no primeiro ano da faculdade de obstetrícia depois de obter meu BAC[d] [...] no começo foi difícil para mim viver sozinha sem meus pais. Mas com o tempo eu me acostumei, porque eles me ensinaram a viver sozinha e a tomar decisões por conta própria."
>
> **– Annabelle, 17 anos (2024), Benin**

Das 24 meninas que abandonaram a escola, uma delas, Griselda, da República Dominicana, frequenta aulas nos fins de semana para obter a sua qualificação para o ensino secundário, e outras quatro progrediram para programas de educação e formação profissional em costura e design de moda.

> "Gosto de costurar... Acredito que o dinheiro que ganho com isso é suficiente para me sustentar."
>
> **– Namazzi, 17 anos (2024), Uganda**

Figura 2: A educação das meninas do estudo em 2024 (%)



d. "BAC" refere-se ao *Baccalaureat* , o exame de conclusão do ensino secundário e qualificação no Benin.

Emprego

28 meninas do estudo fazem algum trabalho remunerado – 11 trabalham em período integral e 17 conciliam seus empregos com seus estudos, na escola ou universidade. Na maioria das vezes, estes empregos incluem trabalhar no mercado, no campo, como garçonetes ou o trabalho em um negócio de um membro da família.

Dez meninas estão envolvidas em trabalho não remunerado.[e] Muitas vezes, este envolve atividades semelhantes às listadas acima, mas as meninas não recebem renda – e é diferente do trabalho de cuidados não remunerado porque geralmente é feito fora de casa, em um negócio familiar ou uma plantação, e não envolve, direta ou indiretamente, cuidar de outras pessoas. Quatro das meninas fazem trabalho não remunerado enquanto frequentam o ensino médio, mas para três delas, é sua atividade principal. Margaret (Benin), por exemplo, trabalha 12 horas por dia para ajudar no negócio de sua família, embora preferisse estar fazendo um aprendizado em costura.

> “Eu não fiz nenhum trabalho que me desse dinheiro – eu só ajudei minha tia a vender seus cosméticos... Eu saio duas ou três vezes a cada cinco dias, das 7h ao meio-dia, para vender os cosméticos. Eu também vou para o campo e faço a capina com minha tia e meu primo.”
>
> **– Margaret, 18 anos (2024), Benin**

O trabalho de cuidados não remunerado

Oitenta e sete das noventa e duas meninas que participaram do estudo relatam fazer trabalho de cuidados não remunerado como parte de suas atividades diárias habituais. O tempo médio gasto neste trabalho é de cerca de 5 horas e 15 minutos por dia – mais do que o dobro do tempo médio alocado para os deveres de casa escolares entre as meninas. Em comparação com as médias globais, podemos ver que **as meninas do *Escolhas Reais, Vidas Reais* têm uma carga média de cuidados maior do que outras ao redor do mundo.** Na verdade, as meninas do estudo gastam um pouco mais de tempo em trabalho de cuidados, em média, do que mulheres adultas globalmente.[34] Esta carga de trabalho pode ser atribuída à pobreza, pois as meninas que participaram do estudo vêm em grande parte das famílias mais pobres de seus países.

Mais de 94% das meninas que participaram do estudo afirma gastar uma média de cinco horas e 15 minutos por dia em trabalho de cuidados não remunerado.

Há sete meninas no estudo que agora são mães, e essas meninas gastam o maior número de horas em trabalho de cuidado não remunerado. Elas realizam uma quantidade significativa de cuidados diretos, incluindo amamentação, banho e troca de fraldas, bem como uma média de mais de 5 horas e meia por dia de atividades de cuidado indireto: muitas vezes conduzidas simultaneamente com tarefas de cuidado direto - como cozinhar enquanto também supervisiona uma criança.

> “Agora o meu filho cresceu um pouco, e agora ele sempre me pede alguma coisa, e eu tenho que dar banho nele e trocá-lo quando ele faz xixi [...] eu tenho que trocá-lo para que ele não fique doente, sabe? Eu tenho que lavar as roupas dele, todas essas pequenas coisas.”
>
> **– Hillary, 17 anos (2024) El Salvador (casada, mãe de 1)**

Surpreendentemente, a carga de cuidados para as meninas do estudo que são casadas ou estão em união estável e têm um ou mais filhos é quase uma vez e meia maior do que para meninas que são mães solteiras — sugerindo que as mães solteiras recebem mais apoio de outras pessoas em sua família e redes do que meninas com parceiros.

Entre as meninas do estudo que não são mães, a maior parte do trabalho de cuidados não remunerado realizado é um trabalho indireto. Estas tarefas variam de país para país, mas envolvem predominantemente cozinhar, lavar a louça, coletar água e/ou lenha, varrer a casa e lavar roupa.

> “É cansativo porque estou ocupada na escola, e quando chego em casa, cozinho e cuido dos filhos da minha irmã. Minha irmã está sempre ocupada porque é professora.”
>
> **– Reyna, 17 anos (2024), Filipinas**

e. As meninas podem ser compensadas pelo seu trabalho de outras formas – por exemplo, boa vontade, favores ou em troca de alojamento e alimentação – mas não recebem uma renda por este trabalho.

Descanso e lazer

Atividades de descanso e lazer são essenciais para o bem-estar, para o desenvolvimento das crianças e para a capacidade das meninas de desenvolver capacidades de agência e liderança. A maioria das meninas do estudo — 80 de 92 — diz que tem tempo suficiente para pelo menos 1 hora de atividades de lazer por dia: as principais atividades descritas incluem socializar com amigos e familiares, navegar nas redes sociais em seus telefones, praticar esportes ou assistir televisão. As meninas no Brasil têm mais tempo para atividades de lazer — cerca de 6 horas por dia — mas isto tende a ocorrer entre aquelas que já se formaram ou frequentam a escola em meio período. As meninas no Togo relatam ter menos tempo para lazer — menos de 2 horas por dia.

As meninas do estudo dormem em média sete horas e 24 minutos por noite. Trinta delas dormem menos de 7 horas, o que está abaixo do nível recomendado para adolescentes e jovens. Para Justine (Uganda), Reine (Togo), Quynh e Sen (ambas do Vietnã), o motivo do déficit de sono é ficarem acordadas até tarde estudando, enquanto para Ayomide (Togo), cuidar da filha faz com que ela só durma 5 horas por noite.

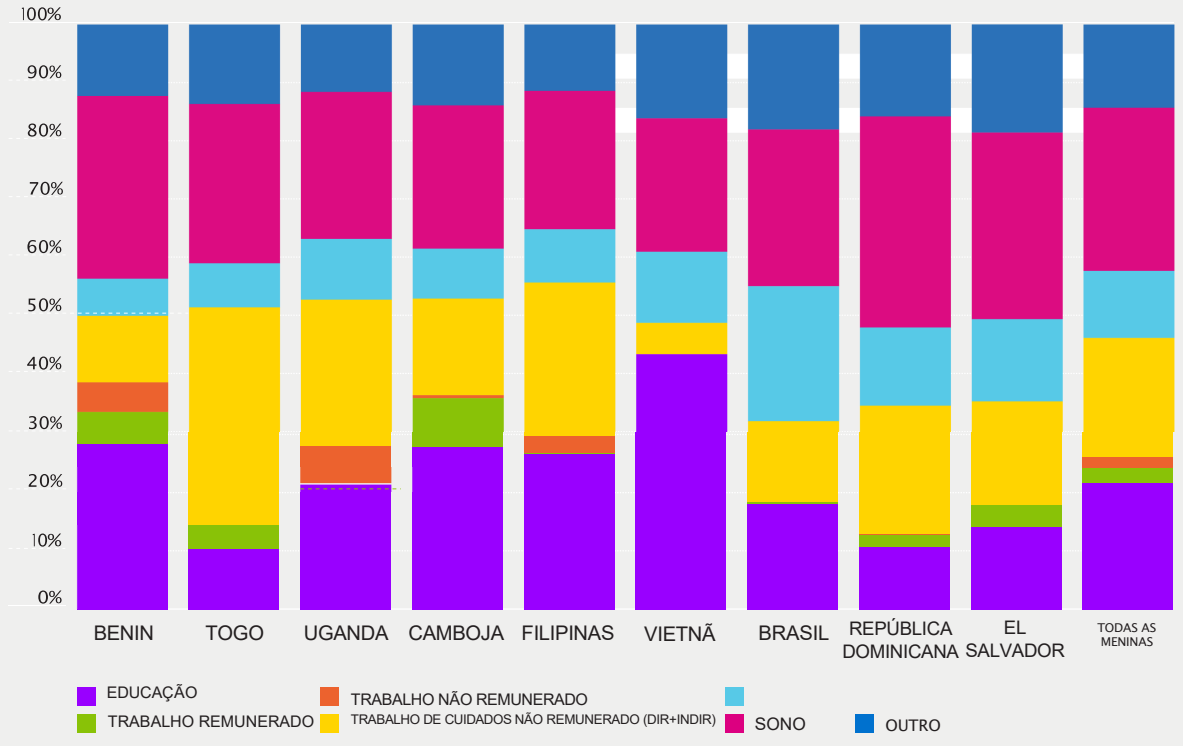
Multitarefas

De forma geral, podemos ver que muitas das meninas têm agendas extremamente ocupadas e parecem estar fazendo malabarismos com uma série de prioridades e responsabilidades diferentes: alguns dos diários onde registram o uso do tempo estavam tão cheios de atividades que elas estavam escrevendo nas margens da página e amontoando vários itens em blocos de horas individuais. Ao examinarmos suas rotinas diárias, fica bem claro que não há horas suficientes no dia.

Setenta e uma meninas relatam passar pelo menos quatro horas por dia fazendo multitarefas, com o trabalho de cuidados não remunerado sendo a atividade simultânea mais comumente relatada. Para algumas meninas, incluindo Jasmine nas Filipinas, Ayomide no Togo e Beti em Uganda, quase todo o dia é gasto fazendo multitarefas: fazendo malabarismos para conciliar as tarefas domésticas e os cuidados infantis com educação, trabalho remunerado, trabalho não remunerado, lazer e cuidados pessoais.

Quando o trabalho de cuidados é feito simultaneamente com outras atividades, pode se tornar "invisível" – e isto pode contribuir para a pobreza de tempo das meninas.

Figura 3: Proporção média (%) do dia gasta em várias atividades, por país focal (todas as meninas)



**Outras atividades* incluem cuidados pessoais (como tomar banho e fazer refeições), viagens (por exemplo, ir de ônibus para a escola) e observância religiosa.

Quem faz o que e por quê?

"É natural": normas de gênero e trabalho não remunerado

Através da análise histórica das entrevistas do *Escolhas Reais, Vidas Reais,* podemos observar a dinâmica doméstica na qual as meninas do estudo cresceram: as normas de gênero que influenciaram o uso do tempo de suas mães e os exemplos que estavam sendo dados às meninas.

As meninas aprendem e internalizam normas desde cedo, ao observarem a dinâmica familiar em suas casas. Os exemplos que seus pais deram, a divisão desigual do trabalho e as atitudes sobre os papéis de mulheres e homens, portanto, definem o cenário para as expectativas do uso futuro do tempo das meninas.

Na maioria das vezes, os responsáveis pelas meninas reconhecem que o trabalho de cuidados em casa era feito predominantemente pelas mães — com a justificativa de que as mulheres fazem a maior parte desse trabalho porque os maridos fazem trabalho remunerado fora de casa.

> "Eu troco as fraldas, faço a comida, dou banho e cuido deles, é com isso que eu contribuo porque [o pai da Raquel] traz o dinheiro para casa."
>
> **– mãe de Raquel, 2012, El Salvador**

Muitas não questionam isso, descrevendo a situação como sendo "natural":

> "Nós somos destinadas a fazer trabalhos domésticos e os homens vão ganhar dinheiro. É a natureza."
>
> **– mãe de Sheila, 2012, Uganda**

Essas atitudes e práticas são mantidas por uma dinâmica familiar mais ampla, e os parentes mais velhos nas casas das meninas realizam muito poucas tarefas. **Desde cedo, as meninas comentam sobre essa divisão desigual do trabalho em suas casas.** Em 2013, quando tinha 7 anos, Jasmine (Filipinas) disse que sua mãe faz toda a comida em sua casa, e seu pai só cozinha se sua mãe não está por perto, enquanto Rebeca, na República Dominicana, observou, aos nove anos: *"o meu pai não faz tarefas domésticas, ele só come e dorme".*

Como, então, essas ideias sobre o uso "natural" do tempo para mulheres e homens influenciam o comportamento? Enquanto as meninas passam boa parte do tempo com suas mães nos primeiros anos de vida, observam, absorvem e internalizam informações sobre diferentes papéis e comportamentos para mulheres e homens, meninas e meninos. No Togo, a mãe de Azia argumentou que Azia tem a tarefa de varrer a casa porque 'é uma tarefa automática para uma menina" (2024). O trabalho de cuidados de Azia pode ser visto como moldado pela atitude de sua mãe. Quando Azia era mais nova, passava a maior parte do tempo com sua mãe e avó: não apenas as observava lavando pratos, varrendo, cuidando de bebês e realizando outras tarefas, mas também era exposta à visão de sua mãe de que as tarefas domésticas são passatempos naturais ou inevitáveis para meninas. Sem surpresa, a mãe de Azia compartilhou que Azia começou a pedir para participar das tarefas desde os 6 anos; naquele mesmo ano, Azia disse que varrer o quintal era uma de suas atividades favoritas.

"Brincar de casinha" frequentemente revela as formas como as meninas internalizam normas de gênero sobre os papéis de meninas e mulheres. Barbara (Benin) e Bessy (El Salvador) relataram aos 6 e 5 anos de idade, respectivamente, que sua brincadeira preferida era fingir varrer a casa, enquanto Bopha, no Camboja, disse às pesquisadoras quando tinha dez anos que uma de suas atividades favoritas era "brincar de cozinhar".

À medida que as meninas crescem, as tarefas como brincadeira se transformam em outra coisa: tarefas como treinamento para seus futuros como esposas e mães.

No Benin, em 2015, a mãe de Thea refletiu sobre a divisão de tarefas domésticas entre seus filhos, a maioria das quais cabe a Thea e suas irmãs, como "*normal porque é uma forma de prepará-las para serem boas esposas e mães e saberem como manter sua própria casa*". Este treinamento para se tornarem esposas e mães é aceito por muitas das meninas: em 2019, aos 13 anos, Azia, no Togo, explicou que "*o mais importante para uma mulher saber é cozinhar para sua família",* e em 2022, aos 15 anos, Chesa disse aos pesquisadores:

> "Eu lavo a roupa, lavo a louça e limpo a casa. Para mim, está tudo bem porque, claro, eu sou a mulher, então tenho a obrigação de fazer o trabalho doméstico."
>
> **– Chesa, 15 anos (2022), Filipinas**

Os pais também descrevem as responsabilidades de cuidados não remunerados como **essenciais para garantir que suas filhas cresçam e se tornem mulheres virtuosas e respeitáveis.** Em 2024, o pai de Anti-Yara disse que sua filha fazia tarefas domésticas "porque é uma menina crescida e as pessoas vão pensar mal dela se ela não cuidar da casa". As próprias meninas parecem ter subscrito essa noção de gênero do trabalho doméstico como algo "*bom*": aos 11 anos, Alice, no Benin, descreveu apropriadamente esta noção de gênero dos requisitos de uma "*menina virtuosa*" dizendo:

> "Uma boa menina deve saber fazer tarefas domésticas para sua mãe e prestar atenção aos conselhos de sua mãe e seu pai. Eu sou uma boa filha para ambos; eu sei fazer tarefas domésticas e ouço seus conselhos, e eu sou respeitosa."
>
> **– Alice, 11 anos (2018), Benin**

Três gerações de mulheres do Benin lavam a louça em casa.
© Plan International

Ao longo dos anos, alguns pais no estudo também comentaram que sentem que o trabalho de cuidados não remunerado mantém as meninas longe de problemas – ao passarem seu tempo fazendo tarefas em casa, elas têm menos probabilidade de desperdiçar tempo com um "garoto paquerador" (mãe de Hillary, 2017, El Salvador).

As meninas do estudo e seus pais frequentemente falam sobre as responsabilidades delas em casa em termos de "ajuda" para suas mães – não como "trabalho". Descrever o trabalho que as meninas realizam em casa como "ajuda" em vez de reconhecê-lo como cuidado ou labor enfraquece e minimiza o valor das contribuições das meninas.[35] Isso, por sua vez, **leva as próprias meninas a não reconhecerem o trabalho realizado em casa como "trabalho" e a não se considerarem "cuidadoras"**, apesar da quantidade de trabalho de cuidados que realizam.[36]

A história de Maricel

Maricel (Filipinas) ajuda sua mãe com as tarefas desde pequena. Desde muito cedo, ela era responsável por coletar água, lavar roupas e ajudar a cozinhar. Por outro lado, ninguém esperava que seu irmão fizesse muitas tarefas porque *"ele não gosta de lavar roupas"* (mãe de Maricel, 2020). Em 2017, quando Maricel tinha 10 anos, seu pai declarou que *"meninas são apenas assistentes, elas fazem qualquer coisa que você peça para elas fazerem"*, e mais tarde, em 2020, sua mãe disse que *"é difícil pedir ajuda ao meu filho, ao contrário de Maricel, que está sempre lá para ajudar"*.

Avançando para 2024, Maricel gasta oito horas por dia fazendo trabalho de cuidados não remunerado. Não é algo que ela questione. Para ela, ao que parece, não é trabalho, mas apenas "ajuda". Ela não quer mudar a forma como gasta seu tempo porque: *"Estou feliz ajudando minha mãe"*. Ela reduziu o tempo que gasta em seu trabalho remunerado para continuar ajudando em casa.

A mãe dela havia feito um compromisso com a educação dos filhos e esperava que a filha fosse para a faculdade depois da escola:

> "Eu sempre digo a eles para terminarem os estudos, porque olhe para a vida de quem não estudou."
>
> **– mãe de Maricel, 2021, Filipinas**

Mas as realidades da vida diária e a dinâmica de poder na família corroeram este entendimento. Em 2024, quando perguntada se sua filha tinha tempo para desenvolver as habilidades de que precisa para seu futuro, as esperanças da mãe de Maricel de que sua filha frequente a faculdade parecem ter diminuído:

> "Se você sabe fazer o trabalho doméstico, é mais fácil encontrar um emprego [semelhante]. Como ela já me ajudou a varrer aqui no *resort*, ela sabe como fazer esses trabalhos."
>
> **– mãe de Maricel, 2024, Filipinas**

A filha se identifica com a vida da mãe e é limitada pelas atitudes do pai. Quando perguntada se prioriza a limpeza ou o dever de casa, Maricel compartilhou que a limpeza é o que ela precisa fazer primeiro – isso, ou cuidar das sobrinhas.

Este exemplo é crítico para revelar a conexão entre as atitudes parentais e as crenças e comportamentos de seus filhos – ao longo dos anos, como Maricel, as meninas do estudo estão aprendendo e internalizando as normas de gênero de seus pais.

Uma jovem das Filipinas ajuda as irmãs mais novas com os trabalhos escolares.
© Plan International

Classificar o trabalho de cuidados não remunerado das meninas como "ajuda" também prepara o cenário para que elas substituam gradualmente o trabalho de cuidado não remunerado de suas mães em casa, à medida que suas mães se envolvem em trabalho remunerado fora de casa, trabalho não remunerado na agricultura de subsistência ou quando envelhecem. De acordo com as meninas do estudo, este é um fator-chave para seu trabalho de cuidados não remunerado.

> "Eu cuido dos meus irmãos e irmãs mais novos enquanto minhas mamães estão trabalhando no campo."
>
> **– Nini-Rike, 13 anos (2020), Togo[f]**

Outra forma como o trabalho de cuidados não remunerado das meninas é minimizado é que seus responsáveis não reconhecem a extensão de suas contribuições. Entre as meninas do estudo que realizam trabalhos de cuidados não remunerado, **os responsáveis subestimaram dramaticamente a quantidade de tempo que as filhas gastam em atividades de cuidados.** No Brasil, a mãe de Gabriela — que recentemente deu à luz uma menina — diz que Gabriela "*não cuida de ninguém*". Em contraste, Gabriela relata realizar 3 horas de trabalho de cuidados não remunerado por dia:

> "Enquanto minha mãe cuida do bebê, eu faço as tarefas domésticas... Enquanto ela faz as tarefas, eu cuido da menina."
>
> **– Gabriela, 18 anos (2024), Brasil**

Da mesma forma, nas Filipinas, a mãe de Jasmine subestima muito a quantidade de tempo que sua filha gasta com o trabalho de cuidados não remunerado. Enquanto Jasmine relata fazer cerca de 11 horas por dia[g] e trabalho de cuidados indireto, como preparar refeições, fazer tarefas diversas para sua avó e trabalhar na plantação da família, sua mãe disse que não conseguia estimar o tempo que Jasmine gasta com o trabalho de casa porque ela "*só ajuda*" com algumas tarefas e faz "*só um pouco*". Quando questionada sobre a contribuição da filha para o trabalho na plantação, a mãe de Jasmine disse que ela "só acompanha". Esta tendência de subestimar o número de horas de trabalho de cuidados que as meninas fazem torna suas contribuições – essenciais para a administração de suas casas – invisíveis e tidas como certas.

As normas de gênero que determinam e informam as responsabilidades de cuidados não remunerados das meninas também moldam as atitudes e o comportamento dos meninos em suas famílias. As meninas da coorte observam que **seus irmãos e outros colegas homens têm muito menos tarefas do que elas.** No Togo, Djoumai — então com 10 anos — observou que em sua família "*os meninos não trabalham em casa. Eles só vão para a plantação e também cuidam do gado*" (2016), enquanto Sheila, em Uganda, disse que "*os meninos gastam menos tempo e as meninas gastam mais tempo em suas tarefas*" (2019). No Brasil, Bianca também observa que homens e meninos estão muito ocupados com o trabalho remunerado para conseguirem fazer tarefas em casa:

> "[meu pai e meu irmão] não fazem tarefas em casa porque eles já fazem outras coisas, então não tem como eles fazerem nada aqui."
>
> **– Bianca, 17 anos (2024), Brasil**

Alice e seus pais, que vivem em Benin, identificam outra norma que informa o uso do tempo de gênero – **a construção de ideias normativas de masculinidade, e a vergonha e o estigma associados ao desvio destas normas de gênero**. Em 2017, Alice disse, "*minha mãe sempre vai buscar água; meu pai nunca fez isso porque as mulheres não conseguem ficar paradas e assistir os homens fazendo as coisas*". Ela disse que seria vergonhoso tanto para sua mãe quanto para seu pai. A mãe de Alice também falou sobre isso em 2015:

> "É porque ele [o pai de Alice] é o chefe da casa, e na nossa cultura os homens que são chefes de família não devem ir buscar água... Seria uma vergonha para ele e para toda a sua família. Ele é o chefe da família e um chefe não faz tarefas domésticas."
>
> **– mãe de Alice, 2015, Benin**

Esta ideia de que o trabalho de cuidados não remunerado é uma ameaça à masculinidade é compartilhada por meninas e suas famílias em todos os grupos do estudo. Na República Dominicana, várias meninas e mães comentam sobre a percepção na sociedade de que o trabalho de cuidados não remunerado está associado à homossexualidade ou à feminilidade. Em 2017, Chantal disse que, geralmente, em sua comunidade, os meninos podem varrer e arrumar a casa, mas não devem cozinhar ou lavar roupas, porque "*serão chamados de gays*", enquanto a mãe de Sharina explica que não manda seu filho fazer tarefas "porque ele me diz que não é uma menina" (2017).

f. Nini-Rike pertence a uma família polígama: seu pai tem várias esposas, a quem Nini-Rike se refere como suas "mamães".
g. Algumas das atividades de Jasmine são realizadas simultaneamente.

“Meu irmão não faz o trabalho doméstico porque somos muitas meninas aqui em casa”: a composição familiar e o uso desigual do tempo baseado em gênero

O trabalho doméstico é essencialmente, em quase todos os lugares, o trabalho de mulheres, e as normas de gênero também interagem com a composição familiar para informar o uso do tempo das meninas.

Meninas que têm irmãs ou que vivem em lares com várias mulheres falam sobre compartilhar a cozinha e as tarefas, e relatam sentir menos falta de tempo. Chantal, na República Dominicana, explica que ela e suas duas irmãs mantêm a casa arrumada, enquanto Anti-Yara, no Togo, relata que seu trabalho doméstico diminuiu porque sua irmã mais nova agora começou a fazer algumas tarefas:

> “Minhas tarefas diminuíram. Minha irmãzinha começou a trabalhar. Eu costumava lavar os pratos, buscar água e preparar a comida. Mas agora, [minha irmã] lava os pratos e me ajuda a buscar água.”
>
> **– Anti-Yara, 18 anos (2024), Togo**

Uma jovem do Togo cuida de suas 230 galinhas.
© Plan International

Ter mais meninas na casa não necessariamente quer dizer menos trabalho; na verdade, em alguns casos, garante que os homens e meninos não farão as tarefas domésticas. Nini-Rike, no Togo, tem 13 irmãos e realiza uma quantidade significativa de tarefas desde os 5 anos de idade. Agora, aos 17 anos, ela acorda às 4 da manhã todos os dias para ter certeza de que haverá tempo suficiente para fazer tudo.

> “Meu irmão não faz o trabalho doméstico porque somos muitas meninas em casa.”
>
> **– Alice, 17 anos (2024), Benin**

As meninas no estudo que são as filhas mais velhas tendem a realizar a maior quantidade do trabalho de cuidados direto e indireto ao longo dos anos – particularmente quando há bebês e crianças pequenas na casa. Reyna, nas Filipinas, que mora em uma casa com cinco sobrinhos menores de dez anos, realiza quatro horas de cuidados diretos por dia.

Outra forma como o uso do tempo das meninas é influenciado pela composição familiar é quando outros membros da família — particularmente suas mães, irmãs mais velhas e outras parentes mulheres — passam mais tempo fora de casa. Kannitha, no Camboja, compartilha que suas tarefas aumentaram agora que sua irmã mais velha está ocupada em seu salão de beleza e sua outra irmã está grávida, e Sylvia, em Uganda, explicou em 2023 que agora ela deve cozinhar e limpar a casa porque sua mãe está trabalhando fora.

> “Sendo menina, tenho que cozinhar, especialmente se a mãe foi à horta e me deixou em casa. Tenho que manter a casa limpa, para que quando ela volte o lugar estiver arrumado e a comida estiver pronta. Também lavo a roupa para ela.”
>
> **– Sylvia, 16 anos (2023), Uganda**

A questão do dinheiro

Há uma ligação clara entre a pobreza e o uso do tempo das meninas. A pobreza contribui para o tempo excessivo gasto no trabalho de cuidados não remunerado, devido à falta de acesso a infraestruturas (como redes de água) e à incapacidade de pagar por equipamentos e serviços que economizam tempo e trabalho, como creches.

10 das 12 meninas do estudo em Uganda e nove das doze em El Salvador relataram gastar tempo coletando lenha ou buscando água, às vezes várias vezes ao dia.

> “Aqui na aldeia, usamos lenha para cozinhar alimentos e normalmente [Justine] vai buscá-los e traz para casa sem que precisemos pedir a ela. Ela também pode usar nossa bicicleta para ir buscar água do poço e trazer para casa sem que precisemos lhe pedir.”
>
> **– mãe de Justine, 2024, Uganda**

A pobreza também influencia o uso do tempo das meninas de outras formas — várias meninas do estudo começaram a fazer trabalho remunerado para contribuir com a renda familiar. Muitas meninas vêm de famílias de agricultores e pescadores — e relataram em 2023 que as mudanças climáticas levaram ao aprofundamento da privação em suas comunidades. No Camboja, Kannitha, Mony e Nakry começaram a trabalhar fora para contribuir com a renda familiar, que foi afetada pelas mudanças climáticas. Em 2023, Kannitha disse que começou a colher castanhas de caju e a cultivar alho de fevereiro a maio para ajudar a sustentar sua mãe e irmã e para poder pagar a escola, enquanto Nakry relatou em 2024 que colhe castanhas de caju quando não está na escola e entrega toda a sua renda para sua mãe, para ajudar com os gastos domésticos.

As normas de gênero se cruzam com a pobreza para determinar como as meninas gastam seu tempo. A pobreza pode aumentar a quantidade de trabalho necessária para cozinhar, limpar e fornecer água potável para uma família, mas, novamente, não determina como esse trabalho adicional será alocado e compartilhado: não se espera que os meninos realizem tarefas que exijam muito tempo e trabalho.

A influência generalizada do que é visto como “normal” determina a divisão do trabalho, e isso significa que, quaisquer que sejam as circunstâncias familiares, são as meninas que assumem as responsabilidades domésticas.

Uma jovem de Uganda despeja milho em sua cesta para separar a palha.
© Plan International

Contabilizando o custo da divisão desigual de cuidados

A forma como as meninas do estudo decidem ou são instruídas a dividir seu dia entre as diferentes atividades de cuidados tem implicações diretas para a quantidade de tempo disponível que elas têm para outras atividades. Isso, por sua vez, terá consequências de longo alcance para seu desenvolvimento geral e bem-estar.

- Ao passar 8 horas fazendo trabalho de cuidados não remunerado por dia, uma menina pode não ter tempo para fazer sua lição de casa ou se envolver em atividades de treinamento de habilidades que aumentariam suas ambições para o futuro.
- Meninas que estão sobrecarregadas com inúmeras responsabilidades e que relatam ter pouco tempo também relatam ter pouco tempo para socializar com amigos, familiares e suas comunidades mais amplas para construir redes sociais importantes.
- Elas também relatam ter menos horas para dormir e descansar, e níveis mais altos de estresse.
- A forma como as meninas dividem seu tempo influencia a escala de suas ambições, os tipos de aspirações de carreira que têm e seu otimismo sobre seus futuros.

Educação: a primeira vítima

Altos níveis de trabalho de cuidados não remunerado podem fazer com que as meninas faltem à escola, não consigam concluir seus deveres de casa, cheguem atrasadas às aulas, tenham um desempenho ruim nas provas e, por fim, abandonem a escola completamente.

Nas Filipinas, muitas meninas disseram que suas responsabilidades de cuidados interferem em sua educação. Desde os 9 anos, Rubylyn perde um dia de aula ocasional para cuidar de seu irmãozinho, enquanto Mahalia, de 17, disse que às vezes chega atrasada à escola porque todas as suas tarefas devem ser feitas antes que ela possa sair de casa. Michelle, de 16, disse que não tem tempo para os deveres de casa por causa de suas tarefas e, aos 18, Rosamie diz que está estressada com a escola porque acha que não tem tempo suficiente para estudar.

> “Claro que me arrependo, porque em vez de só estudar, meu tempo é dividido entre as tarefas de casa.”
>
> **– Michelle, 16 anos (2023), Filipinas**

Meninas alimentam seus cães em casa no Brasil.
© Plan International

O impacto do trabalho de cuidados não remunerado das meninas em sua educação não parece ser reconhecido por seus pais. O pai de Reyna (Filipinas) estima que as tarefas domésticas e a cozinha ocupam “20 por cento” do dia da filha; isto equivaleria a um pouco menos de 5 horas por dia. Quando questionado sobre quais tarefas e trabalho de cuidados Reyna realiza, seu pai respondeu: “*Não sei, mas ela também ajuda a irmã*”. Quando perguntado sobre quanto tempo Reyna gasta cuidando de irmãos ou outros membros da família, ele disse que “*é raro*” - especulando que talvez Reyna faça isso apenas aos sábados e domingos.

Por outro lado, a própria Reyna relata passar 10 horas por dia cuidando de seus sobrinhos, fazendo tarefas domésticas e cozinhando. Ela diz que só tem uma hora para fazer as lições de casa à noite, que ela faz ao mesmo tempo em que ajuda seus sobrinhos com as tarefas da escola. A quantidade total de trabalho de cuidados não remunerado que ela realiza representa 46 por cento das 24 horas do dia de Reyna; mais do que o dobro da estimativa de seu pai. Sem surpresa, Reyna teve um desempenho ruim em alguns testes escolares recentes. Seu pai diz que ficou desapontado e não consegue entender por que isso aconteceu.

> “Não é fácil estudar e fazer tanta coisa em casa.”
>
> **– Reyna, 17 anos (2024), Filipinas**

O peso do trabalho de cuidados não remunerado fez com que algumas meninas abandonassem completamente a educação. No Benin, Eleanor e Margaret foram forçadas a abandonar a escola devido aos maus resultados. Em ambos os casos, os pais não reconheceram que a pesada carga de trabalho doméstico foi um fator contribuinte significativo para o mau desempenho escolar das meninas.

> “Acabei sendo expulsa pela diretora porque não consegui acompanhar as aulas.”
>
> **– Eleanor, 17 anos (2024), Benin**

“Ninguém vai cuidar da criança”

O trabalho de cuidados não remunerado associado ao casamento e à maternidade tem um impacto significativo na educação das meninas do estudo que agora são mães. Doris abandonou a escola quando engravidou em 2022 e diz que seria muito difícil voltar a estudar “porque ninguém vai cuidar da criança”. Melanie, nas Filipinas, abandonou a escola quando engravidou no 10º ano[h] e, embora queira retornar para terminar sua educação, ela sente que é muito difícil, porque seu filho é muito pequeno.

> “Eu quero estudar, mas não tem ninguém para cuidar do meu filho. Eu quero muito terminar o ensino médio.”
>
> **– Melanie, 17 anos (2024), Filipinas**

Uma mãe vietnamita de 19 anos e seu filho de 1 ano lavam vegetais antes de cozinhá-los.
© Plan International

A história de Hillary

Para algumas meninas, podemos ver a forte influência do trabalho de cuidados não remunerado, realizado desde que eram muito mais novas, no uso atual do tempo delas como mães. Hillary, em El Salvador, cresceu em uma área sacudida pela violência, com poucas oportunidades de subsistência para seus pais. Seu pai trabalhou em empregos temporários ao longo dos anos, e sua mãe estava sempre ocupada criando os irmãos mais novos de Hillary; então, desde pequena, Hillary se tornou a ajudante de sua mãe. Aos 8 anos de idade, Hillary ia buscar água três vezes ao dia com seu irmão, e no ano seguinte já era responsável por muitas tarefas domésticas e por cuidar de sua irmã mais nova, o que ela gostava de fazer. Aos 13, ela estava dando um tempo da escola para ajudar em casa, e sua mãe compartilhou naquele ano que não queria mais mandar Hillary para a escola porque ela achava que a jornada era perigosa e Hillary estaria mais segura em casa.

Aos 15 anos, Hillary abandonou a escola de vez, para se casar. Ela relatou fazer tarefas domésticas para sua nova sogra, bem como continuar a cuidar de seu irmãozinho. Hillary engravidou aos 15 anos e deu à luz um filho no final de 2021. Em 2022, ela disse às pesquisadoras que tinha muito trabalho de cuidados para fazer, e não podia voltar à escola.

> “Sim, cuidar do bebê, dar banho nele, vesti-lo, cuidar dele, embalá-lo para que ele durma o suficiente. Enquanto ele dorme, consigo fazer muita coisa pela casa, ou seja, as tarefas domésticas.”
>
> **Hillary, 15 anos (2022), El Salvador**

As experiências partilhadas por Doris, Melanie e Hillary destacam a necessidade urgente de uma educação sexual abrangente, do acesso a serviços de saúde sexual e reprodutiva e de cuidados infantis de qualidade, de fácil acesso e a preços acessíveis, para permitir que as adolescentes concluam a sua educação.

h. Melanie tinha 15 anos quando abandonou a escola.

Uma jovem de 13 anos de El Salvador quer viver numa sociedade igualitária.
© Plan International

> “Às vezes, não consigo ir à aula porque ajudo minha mãe e meu pai na plantação [...] Fico preocupada em não conseguir acompanhar a turma porque estou sempre ausente.”
>
> **– Mahalia, 17 anos (2024), Filipinas**

Longas horas gastas em trabalho remunerado ou não remunerado também têm um impacto crítico na educação das meninas. Fezire (Togo) e Namazzi (Uganda) abandonaram a escola porque queriam dedicar seu tempo a ganhar dinheiro para ajudar a sustentar suas famílias – Fezire agora trabalha em uma barraca de mercado e Namazzi está fazendo um estágio em costura.

Nas Filipinas, o trabalho não remunerado na plantação de sua família faz com que Mahalia perca dias de aula e não consiga concluir tarefas, o que lhe causa muita ansiedade. Mahalia diz que às vezes tenta negociar com seus pais para ajudar na plantação apenas pela manhã, para que possa ir à escola à tarde; no entanto, ela sente que trabalhar para seus pais é essencial, “porque a vida é difícil. Temos que trabalhar juntos” (2024).

A realidade de conciliar as demandas da escola, os deveres de casa, as tarefas domésticas, o trabalho não remunerado em plantações familiares e as responsabilidades de cuidados significa que o tempo das meninas para aprender é seriamente comprometido. Não é de surpreender que seu desempenho acadêmico sofra.

Por sua vez, a falta de progresso acadêmico – particularmente quando os custos das taxas escolares já são tão difíceis para as famílias – desencoraja as meninas a continuarem na escola e desestimula seus pais a apoiarem sua educação.

Uma jovem de Uganda trabalha em um ateliê de costura para ganhar dinheiro e sustentar a si mesma e sua família.

© Plan International

> “Normalmente eu paro, pego o caderno, escrevo meus sonhos, penso um pouco.”
>
> **– Camila, 18 anos (2024), Brasil**

Trabalhando para o futuro

À medida que as meninas do estudo atingem a idade de 18 anos, muitas estão em transição do ensino médio para os próximos passos – seja o ensino superior ou o mercado de trabalho. Algumas meninas conseguem dedicar algum tempo para desenvolver habilidades, fazer treinamento vocacional e buscar um trabalho remunerado que apoie sua independência econômica.

No Camboja, Kannitha começou um trabalho remunerado no salão de beleza da irmã e continua a trabalhar no campo, como faz desde 2023. Embora originalmente tenha decidido trabalhar fora para contribuir com a renda familiar e sustentar seus estudos, Kannitha diz que ter um trabalho remunerado a ajuda a desenvolver habilidades valiosas que serão úteis para seu futuro.

> “Aprendo a gerenciar meu tempo entre o trabalho e os estudos. Além disso, também administro minha renda para pagar meus estudos.”
>
> **– Kannitha, 16 anos (2023), Camboja**

Várias meninas do estudo na América Latina e no Caribe relatam ter tempo para planejar seu futuro e tomar medidas concretas para desenvolver as habilidades de que precisam. No Brasil, Camila compartilha que consegue reservar um tempo em sua agenda para refletir sobre seu futuro e suas metas.

Em El Salvador, Gabriela desenvolveu um roteiro claro para seu futuro e disse que tem dedicado seu tempo às aulas na escola e feito mais trabalhos de casa para poder ir para a universidade.

> “Quero estudar relações internacionais [que é sobre] relações estrangeiras [e] tem a ver com as línguas... sabendo inglês você consegue alguns dos empregos que existem aqui em El Salvador e um bom salário. [Eu poderia] trabalhar como tradutora.”
>
> **– Gabriela, 16 anos (2023), El Salvador**

Neste momento de suas vidas, quando chegam ao fim dos anos escolares e pensam no que vem pela frente, elas devem tomar decisões cruciais. Mas para muitas das meninas do grupo, estudar para as provas, desenvolver as habilidades de que precisam e fazer planos para o futuro simplesmente não é possível. As demandas de suas vidas diárias não deixam espaço para pensar no amanhã.

Namazzi, em Uganda, tem planos, mas vê poucas chances de realizá-los. Em 2024, ela relatou que concluiu o primeiro nível do curso de costura e quer fazer o segundo nível, “*para que eu possa aprender mais habilidades*”, mas não tem tempo: Namazzi faz cinco horas de trabalho não remunerado cavando e 13 horas de trabalho de cuidados não remunerado por dia.[i] Seu trabalho de cuidados envolve cozinhar para sua família, limpar a casa e cuidar de sua sobrinha de quatro anos. Embora tente praticar a costura, Namazzi está frustrada porque suas habilidades não estão se desenvolvendo mais rápido – e diz que está perdendo renda potencial como resultado.

> “Eu me sinto mal, porque às vezes meus clientes precisam de algo, como um projeto, sobre o que eu não tenho ideia... mas se eu estivesse na escola, poderia aprender sobre isso.”
>
> **– Namazzi, 17 anos (2024), Uganda**

i. Algumas das atividades da Namazzi são realizadas simultaneamente.

Uma menina de 11 anos lava roupas em sua casa no Camboja.
© Plan International

Só trabalho, sem lazer

Estudos mostram que as pessoas são mais propensas a compensar o aumento do tempo gasto no trabalho e na educação com menos sono ou tempo de lazer, em vez de menos cuidados com as crianças ou tarefas domésticas:[37] muitas das meninas do grupo parecem estar sacrificando seus hobbies, socializando com amigos e familiares e o tempo gasto participando da vida comunitária.

A maioria diz que tem algum tempo para atividades de lazer, mas 12 meninas relatam não ter tempo para hobbies ou socialização, e outras 12 dizem que têm apenas uma hora por dia para isso. Ayomide, que concilia o trabalho remunerado em uma barraca no mercado com a criação de sua filha de dois anos, resume os impactos da pobreza de tempo em sua vida e em sua capacidade de se beneficiar de suas redes sociais:

> “Quero ter mais tempo para buscar uma renda e também para conversar com amigos e darmos conselhos uns aos outros. Também gostaria de ter mais tempo para ficar com minha família, ajudar mais meus avós e ouvir os conselhos deles também.”
>
> **– Ayomide, 17 anos (2024), Togo**

No Benin, Annabelle, que estuda obstetrícia na universidade, diz que não tem tempo para lazer ou socialização “*porque meus estudos vêm em primeiro lugar*”. Ela relata que quando volta das aulas, fica “trancada no quarto para estudar”.

Da mesma forma, Kannitha (Camboja), Namazzi (Uganda) e Bessy (El Salvador) disseram ao longo dos anos que não têm mais tempo para hobbies.

> “Eu costumava brincar... mas agora brinco menos e faço mais tarefas domésticas, como cozinhar e lavar roupa.”
>
> **– Namazzi, 13 anos (2020), Uganda**

Várias meninas relatam que a falta de tempo tem um efeito prejudicial em sua capacidade de nutrir suas amizades. Nas Filipinas, a agenda sobrecarregada de Jasmine faz com que ela passe grande parte do dia fazendo várias tarefas ao mesmo tempo – ela faz malabarismos com o trabalho não remunerado na plantação da família e as tarefas domésticas, e tenta continuar a estudar, pois está temporariamente fora da escola.

> “Eu faço tudo ao mesmo tempo... É triste porque não posso fazer coisas de que gosto, como estar com meus amigos. Raramente faço isso.”
>
> **– Jasmine, 18 anos (2024), Filipinas**

“Por que a vida me sufoca?”

As meninas no estudo fazem referências frequentes ao estresse. Na República Dominicana, Nicol diz que perdeu muito peso no último ano porque perdeu o apetite.

> “Às vezes não sinto vontade de comer [...] [por causa do] “estresse, tenho muitas aulas e muito trabalho para fazer.”
>
> **– Nicol, 18 anos (2024), República Dominicana**

Outra reclamação comum entre as meninas do grupo é que elas gostariam de ter mais tempo para descansar. No Vietnã, Huong diz que gostaria de ter “*mais tempo para dormir, estar com a minha família, e estudar um pouco menos*”. Ela passa 6 horas por dia na escola e mais 5 horas fazendo lições de casa e estudando, mas disse que luta para manter o controle de sua carga de trabalho e pergunta, brincando: “*por que a vida me sufoca?*” (2024).

As meninas do grupo no Brasil relatam ter mais tempo para atividades de lazer; elas parecem ter o apoio de seus responsáveis para priorizar a diversão, a fim de cuidar de seu bem-estar.

Uma menina joga futebol no Brasil.
© Plan International

A avó de Juliana tem se preocupado muito com sua neta no último ano, dizendo que Juliana se tornou retraída como resultado do alcoolismo e comportamento abusivo do avô em casa. O futebol é a libertação e a válvula de escape de Juliana; ela joga com os amigos depois da escola, e sua avó disse que *“quando está com os amigos, jogando bola, ela se solta. Ela se diverte”*. Embora anteriormente desaprovasse o hobby de Juliana, sua avó agora reconhece a importância do futebol para a saúde mental da menina e diz que é “*algo que não vou tirar dela*”. A história de Juliana demonstra a importância dos hobbies e do tempo de lazer na promoção do bem-estar e na proteção da saúde mental das meninas: o futebol permite que ela “se solte” e relaxe.

“Quando eu crescer...”: sonhos e ambições

O custo do trabalho de cuidados não remunerado também é contabilizado nas aspirações das meninas e em como elas imaginam o futuro. Suas experiências e comentários destacam a poderosa influência que o uso do tempo tem em suas atitudes e crenças sobre seu papel na vida: sobre o que é adequado para meninas e mulheres e do que são capazes – e o impacto disso nas carreiras que sentem que estão disponíveis para elas.

Ao longo dos anos, muitas meninas aspiraram a carreiras na área de cuidados – o que reflete sua percepção das opções disponíveis para elas, com base em:

- papéis de gênero aceitos
- modelos que observam em suas comunidades
- seus próprios padrões de uso do tempo.

Azia, no Togo, quer ser enfermeira – e identifica uma enfermeira em sua comunidade que considera um modelo, dizendo que gostaria de ser como ela no futuro. As aspirações de Azia permaneceram as mesmas durante a maior parte de sua adolescência: aos 15 anos, ela queria *“cuidar de pessoas doentes e da minha família”* (2021).

Desde os 6 anos, Nakry, no Camboja, expressou o desejo de ter uma carreira como professora, através da qual ela pode “ajudar outras pessoas”. Aos 14, ela demonstrava uma profunda consciência das responsabilidades e deveres de sua tia como professora primária e expressava o desejo de seguir seus passos.

> “Gostaria de ser professora (como minha tia) para compartilhar meu conhecimento com a geração mais jovem. Ela dá aulas de reforço à noite, das 17h às 18h, para alunos do 2º ao 6º ano.”
>
> **– Nakry, 14 anos (2021), Camboja**

Ao longo dos anos, a ideia de cuidar, de ajudar os outros, foi incutida nas meninas como uma virtude feminina fundamental. As normas de gênero em casa e o uso do tempo das meninas estão claramente moldando e limitando suas aspirações.

Podemos ver a importância dos modelos de comportamento. Podemos presumir que meninas como Azia e Nakry julgam que os modelos de comportamento ao seu redor tinham acesso aos mesmos recursos e oportunidades que elas próprias, fazendo com que seus sonhos de se tornarem enfermeiras e professoras parecessem realistas. Infelizmente, nem todas as meninas recebem o apoio de que precisam para atingir suas aspirações.

Sem um ambiente propício – ou seja, o apoio dos responsáveis e modelos de comportamento a seguir – ao longo do tempo, as meninas tendem a assumir cada vez mais trabalho de cuidados não remunerado. Isto é exaustivo, enfraquece a confiança e significa que, em um momento crucial de suas vidas para determinar seu futuro, suas oportunidades diminuem. Muitas ficam com poucas opções abertas além do papel doméstico familiar que desempenham desde cedo.

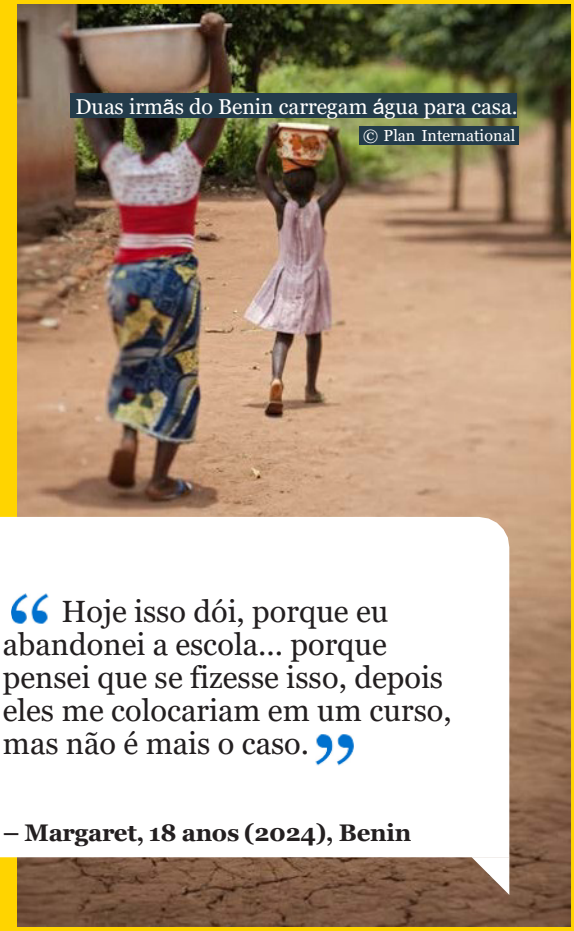
A história de Margaret

Margaret, do Benin, faz tarefas domésticas desde os cinco anos: nessa idade, ela já era responsável por varrer alguns cômodos da casa. Aos dez anos, era responsável por coletar água para a casa e lavar a louça — e já havia notado a desigualdade na divisão de tarefas em sua casa. Enquanto as meninas de sua família eram obrigadas a coletar água, os meninos da mesma idade eram considerados muito novos e tinham mais tempo livre: "os meninos geralmente têm permissão para brincar mais do que as meninas" (2016).

Quando Margaret tinha 13 anos, sua mãe comentou que estava tentando garantir que ela estivesse preparada para ser uma "boa esposa mais tarde". Aos 16, Margaret abandonou a escola por causa de suas tarefas domésticas.

> "[Eu vou abandonar os estudos] porque não tenho tempo em casa para fazer minhas lições. Quando volto da escola, minha tia me dá muito trabalho doméstico para fazer; ela me diz para ir buscar água e cozinhar, e é por isso que decidi abandonar a escola."
>
> **– Margaret, 16 anos (2022), Benin**

Agora com 18 anos, Margaret trabalha 12 horas por dia, ajudando sua tia a vender cosméticos e também no campo; ela não é paga por esses trabalhos. Quando era mais jovem, Margaret queria ser policial e, mais tarde, enfermeira. Agora, ela quer aprender a costurar – ela gostaria de fazer um curso de costura, mas não sabe quando, ou se, poderá.


Duas irmãs do Benin carregam água para casa.
© Plan International

> "Hoje isso dói, porque eu abandonei a escola... porque pensei que se fizesse isso, depois eles me colocariam em um curso, mas não é mais o caso."
>
> **– Margaret, 18 anos (2024), Benin**

Não é de surpreender que Margaret não veja muito sentido em planejar seu futuro: *"não vai adiantar nada"*. Ela não tem tempo para aprender novas habilidades ou fazer um estágio.

O caso de Margaret é um dos muitos no estudo onde podemos ver claramente o impacto tanto da falta de apoio geral para sua educação — causada pela pobreza e papéis de gênero — quanto do consequente uso do tempo ao longo de sua infância. As oportunidades agora disponíveis para ela
são limitadas por restrições de tempo, pela falta de qualquer controle sobre sua vida e pelo reconhecimento de que ela sacrificou seu futuro para ajudar sua família.

Uma jovem conversa com sua avó em El Salvador.
© Plan International

Não precisa ser assim: defendendo a mudança

Apesar dos desafios que enfrentam, podemos ver que alguns dos responsáveis pelas meninas – geralmente suas mães – estão contestando normas de gênero sobre as divisões domésticasde trabalho e o quadro mais amplo de como mulheres e homens gastam seu tempo e o que podem fazer e ser. A pesquisa nos diz que isto tem um impacto poderoso sobre o uso do tempo de suas filhas e suas aspirações.

É no Vietnã que vemos o maior número de famílias compartilhando o trabalho de cuidados não remunerado entre meninas e meninos e mulheres e homens. Em 2015, a mãe de Quynh explicou que todos são responsáveis por contribuir para as tarefas domésticas em sua casa:

> “Se a minha filha mais velha vai para a escola, eu e meu marido fazemos o trabalho doméstico. Se eu volto para casa mais cedo, faço o trabalho doméstico externo, e ajudo a minha filha mais velha. Qualquer um que não esteja ocupado ajuda os outros.”
>
> **– mãe de Quynh, 2015, Vietnã**

Em 2018, a mãe de Huong disse algo parecido:

> “Meu marido também faz as tarefas quando chega em casa e vê que há coisas que eu não consegui fazer. Eu também faço. Eu também faço o que ele ainda não fez. Não discriminamos entre os deveres dos homens e das mulheres.”
>
> **– mãe de Huong, 2018, Vietnã**

Dos nove países do estudo, as meninas no Vietnã relataram fazer a menor quantidade de trabalho de cuidados não remunerado – uma média de aproximadamente uma hora e 20 minutos, em comparação com a média global de cinco horas e 15 minutos.[j] A importância das atitudes parentais e, mais significativamente, do exemplo dado dentro de casa, não pode ser superestimada.

j. Essas médias (tanto do Vietnã quanto globais) incluem todas as meninas, incluindo aquelas que relataram não fazer nenhum trabalho de cuidados não remunerado (0 horas). Ao observarmos apenas o número de horas entre as meninas que relataram fazer trabalho de cuidados não remunerado, as meninas no Vietnã disseram que fazem cerca de 3,5 horas a menos de trabalho de cuidados do que a média global do estudo (1 hora e 50 minutos em comparação a 5 horas e 34 minutos).

"Não é justo..."

Como algumas de suas mães, muitas meninas do grupo estão resistindo às regras de gênero em suas vidas cotidianas – algo que, ao longo dos anos, o estudo *Escolhas Reais, Vidas Reais* explorou e documentou com detalhes.[38] Há algum tempo as meninas têm expressado sua frustração e sensação de injustiça sobre a forma como o trabalho de cuidados não remunerado é dividido em suas famílias.

Aos 11 anos, Miremba, em Uganda, disse que "*não é justo*" que as mulheres preparem toda a comida enquanto "*os homens só ficam sentados esperando para comer*". Na República Dominicana, Raisa compartilhou ideias semelhantes:

> "Eu não acho certo, porque se nós, meninas, fazemos [as tarefas], os meninos também deveriam fazê-las."
>
> **– Raisa, 12 anos (2018), República Dominicana**

Amelia, em Uganda, relatou em 2023 que começou a cobrar de seus irmãos para lavar suas roupas, a fim de demonstrar que este é um trabalho que ela está fazendo para eles. Ela riu ao explicar:

> "Meus irmãos geralmente me pedem para lavar roupa para eles, mas estou ocupada. Então, se algum deles quiser me contratar, deve pagar pelo meu serviço [ela ri]."
>
> **– Amelia, 16 anos (2023), Uganda**

Uma menina de 8 anos da República Dominicana quer viver num mundo igualitário.

© Plan International

Um jeito diferente de fazer as coisas: estratégias para a mudança

Tan, no Vietnã, é um exemplo importante de como as atitudes parentais influenciam as perspectivas das meninas sobre a igualdade de gênero e as oportunidades disponíveis para as mulheres. A mãe de Tan acredita que mulheres e homens devem ser "*muito iguais*".

> "Se eu vou trabalhar, meu marido fica em casa cozinhando. Ele cuida de tudo, e quando eu chego do trabalho à noite, só me preocupo em comer, e depois tomar banho e ir para a cama."
>
> **– mãe de Tan, 2024, Vietnã**

A atitude da mãe de Tan e o comportamento de seus pais ao dividirem as responsabilidades domésticas em função dos compromissos de trabalho remunerado influenciaram as opiniões de Tan sobre a igualdade de gênero e suas ambições para si própria.

> "Acho que agora mudou, as mulheres podem fazer mais [coisas] como os homens, elas podem fazer mais que os homens"
>
> **– Tan, 17 anos (2024), Vietnã**

Uma jovem do Vietnã ocupada com as lições de casa.
© Plan International

Tan está determinada a não ficar para trás só porque é uma menina. Seu objetivo é estudar economia na universidade e ela trabalha para atingir esse objetivo passando cerca de 12 horas por dia na escola ou fazendo lições de casa. Ela tem aulas de reforço nas tardes de sábado e relata que passa o domingo inteiro estudando.

Os pais de Tan a apoiam para que priorize seus estudos; sua mãe orientou os irmãos mais novos de Tan a ajudarem no cozimento do arroz para que Tan possa dedicar mais tempo aos estudos.

Annabelle, no Benin, também tem o apoio dos pais para reduzir as responsabilidades de cuidados não remunerados em favor dos estudos. No início, ela tinha permissão para largar as tarefas domésticas quando tinha aulas ou priorizar as lições de casa antes de fazer o trabalho doméstico. Em 2022, ela disse: *"[minha agenda] só muda quando tenho aulas; eu largo minhas tarefas domésticas para ir à escola"* Em 2023, Annabelle conseguiu reduzir significativamente suas tarefas em casa.

> "No que diz respeito às minhas responsabilidades, tudo mudou, porque tenho matérias demais para estudar para poder fazer tarefas domésticas. Eu não faço nenhuma tarefa doméstica; eu me dedico aos meus estudos."
>
> **– Annabelle, 16 anos (2023), Benin**

A Divisão Desigual do Trabalho de Cuidados e seu Impacto sobre as Meninas

A capacidade de Annabelle de dividir seu tempo para se dedicar à educação permitiu que ela se formasse no ensino médio; ela agora frequenta a universidade em Cotonou, e está estudando obstetrícia. Em 2024, a mãe de Annabelle refletiu sobre por que era tão importante para ela permitir que Annabelle priorizasse tempo para sua educação:

> "De onde eu venho, não gostamos que as meninas vão à escola. Por exemplo, na minha família, eu e minha irmã mais velha íamos à escola, mas com os boatos na aldeia, nossos pais ficaram desanimados e negligenciaram nossa educação. Mas minha irmã mais velha teve a sorte de obter seu CEP[k] e eu parei no CE1.[l] Isso deixou um vazio em mim, que eu sinto hoje. Se fôssemos meninos, nossos pais não se importariam com os boatos em nossa aldeia [...] Se eu pudesse mudar alguma coisa, aconselharia e encorajaria as meninas a irem à escola."
>
> **– mãe de Annabelle, 2024, Benin**

Assim como Annabelle, muitas das meninas do estudo no Vietnã são apoiadas pelos pais para reduzir suas responsabilidades de cuidados e dedicar mais tempo aos estudos. Sen diz que atualmente não faz nenhum trabalho de cuidados não remunerado e, em vez disso, dedica 13 horas por dia à sua educação.

> "Eu vou para a escola todas as manhãs, de segunda a sábado. Além disso, também há algumas aulas extras."
>
> **– Sen, 18 anos (2024), Vietnã**

As histórias de Annabelle, Tan e Sen demonstram a importância de um ambiente propício para que as meninas consigam administrar seu uso do tempo de modo a priorizar sua educação. Uma divisão mais igualitária do trabalho de cuidados entre mães e pais parece ter implicações poderosas para o papel que se espera que as meninas desempenhem em casa – e, consequentemente, o tempo que elas conseguem dar a outras atividades, aumentando suas oportunidades e permitindo que façam escolhas significativas sobre suas vidas futuras.

k. Certificado de conclusão da escola primária no Benin.

l. Terceiro ano da escola primária no Benin.

Conclusão

As experiências compartilhadas pelas meninas do estudo *Escolhas Reais, Vidas Reais* nos fornecem perspectivas essenciais sobre os fatores que influenciam a forma como as adolescentes dividem seu tempo enquanto fazem a transição da infância para a idade adulta e da escola para a educação superior, treinamento vocacional ou o mercado de trabalho.

Uma jovem de 13 anos defende os direitos das meninas na República Dominicana.

© Plan International

As histórias e reflexões das meninas demonstram que as normas de gênero continuam sendo um fator-chave no uso do tempo das meninas: desde cedo, espera-se que elas assumam responsabilidades de cuidados não remunerados e se conformem com o que é visto como papéis apropriados para meninas e mulheres. Junto com a composição familiar e a pobreza, estes fatores influenciam quanto tempo disponível as meninas têm para estudar, fazer um treinamento vocacional, ganhar seu próprio dinheiro, socializar, relaxar e planejar o futuro.

À medida que as meninas que participam do *Escolhas Reais, Vidas Reais* completam 18 anos, elas fornecem descrições e reflexões em primeira mão sobre as rotinas da vida familiar e como gastam seu tempo.

Este depoimento revela que, para muitas, o trabalho de cuidados não remunerado ocupa cada vez mais horas do dia. As consequências disso para a vida e as oportunidades das meninas são de longo alcance e prejudiciais.

- As tarefas domésticas têm precedência e elas faltam à escola ou desistem completamente, pois seu desempenho acadêmico despenca.
- Elas perdem oportunidades de empoderamento econômico e de desenvolver habilidades para o futuro.
- Elas têm pouco ou nenhum tempo para descanso e lazer, e isso pode levar ao estresse, solidão e isolamento.
- Elas começam a identificar seu papel na vida como puramente doméstico e perdem a confiança em sua capacidade de fazer qualquer outra coisa.

No entanto, esta não é a história completa. A pesquisa também demonstra que algumas meninas conseguem priorizar a forma como gastam seu tempo para buscar seus objetivos.

Para fazer isso, as meninas precisam de modelos em suas comunidades que demonstrem que oportunidades são possíveis; ambientes favoráveis fornecidos pelos pais que permitam que elas tomem decisões autônomas sobre o uso do seu tempo; e o reconhecimento em suas comunidades e sociedades de que o trabalho doméstico pode e deve ser compartilhado entre meninas e meninos, mulheres e homens.

Este relatório destaca os fatores-chave e influências que determinam como as meninas dividem seu tempo entre suas várias atividades e responsabilidades e demonstra o efeito que isso tem em sua educação, independência econômica, tempo de lazer, saúde, bem-estar e aspirações para o futuro.

A perspectiva fornecida pelo *Escolhas Reais, Vidas Reais* é singular. Embora os estudos de uso do tempo forneçam informações quantitativas valiosas sobre a divisão de gênero do trabalho de cuidados não remunerado, raramente temos acesso às opiniões e experiências das meninas em suas próprias palavras – e particularmente durante toda a sua infância. Com este raro acesso às suas vozes e realidades cotidianas, nos é concedida uma imagem matizada do uso do tempo das meninas, as complexidades por trás de como elas equilibram responsabilidades e como os fatores-chave e impactos da forma como gastam seu tempo mudaram e se agravaram à medida que elas cresceram.

As evidências do estudo *Escolhas Reais, Vidas Reais* expõem o problema do uso desigual do tempo baseado em gênero e, à medida que apoiamos as meninas na transição da escola para seus próximos passos na educação continuada, no trabalho remunerado e em lidar com o futuro, apontam para algumas soluções possíveis.

Recomendações

Como criamos um mundo onde a desigualdade de gênero é adequadamente enfrentada e as meninas podem exercer seus direitos a ter uma educação e realizar seu potencial? A pesquisa *Escolhas Reais, Vidas Reais* demonstra claramente que tratar do uso desigual do tempo das meninas e da distribuição injusta do trabalho de cuidados não remunerado é fundamental. Com base nas contribuições de economistas e ativistas feministas ao redor do mundo, as recomendações abaixo foram desenvolvidas diretamente a partir dos resultados da pesquisa, incluindo as ideias, opiniões e recomendações das próprias meninas do grupo de estudo Escolhas Reais, Vidas Reais.

As recomendações também são orientadas pelo Modelo dos 4 R, que enfatiza a necessidade de **reconhecer**, **reduzir** e **redistribuir** o trabalho de cuidados não remunerado, bem como a necessidade de **representar** as vozes das meninas e das mulheres nas políticas e na tomada de decisões que impactam suas vidas e o uso do seu tempo.[39]

RECONHECER

As contribuições não remuneradas das meninas para o trabalho de cuidados

A quantidade significativa de trabalho de cuidados não remunerado realizado por meninas deve ser reconhecida e valorizada por sua importância crítica para indivíduos, famílias e sociedade. Este reconhecimento deve acontecer nos níveis doméstico, comunitário e político.

Recomendações para os governos

- Os governos em todos os níveis devem tomar medidas proativas para **incluir o trabalho de cuidados não remunerado nas estatísticas nacionais**. Apoiados por agências internacionais e ONGIs, os governos devem realizar estudos sobre o uso do tempo, sensíveis ao gênero e à idade, com mulheres, homens e crianças para entender melhor como o trabalho de cuidados é compartilhado dentro das famílias e comunidades.
- Os governos devem **estabelecer metas específicas sobre igualdade de gênero e empoderamento de meninas e mulheres** que defendam seus direitos à conclusão de doze anos de educação, ao treinamento vocacional e ao emprego decente. Os governos devem **monitorar e avaliar a implementação de políticas transformadoras de gênero** e estratégias mais amplas de proteção social.
- Os governos devem **pagar aos cuidadores um salário que reconheça a importância do cuidado**, a fim de aumentar o status e o valor do trabalho de cuidados, tanto remunerado quanto não remunerado, na sociedade.

Recomendações para os empregadores

- As empresas e o setor privado têm um papel importante a desempenhar na economia de cuidados, fornecendo **empregos decentes**, investindo na profissionalização do setor de cuidados e implementando políticas de cuidados que promovam a igualdade de gênero no local de trabalho – como licença maternidade, paternidade e parental compartilhada remuneradas.

Recomendações para as comunidades

- Os líderes comunitários devem criar **campanhas de conscientização social e discussões** locais e contextualmente específicas sobre o valor do trabalho de cuidados na sociedade, a necessidade de divisões de trabalho equitativas entre gêneros e o envolvimento masculino ativo em todas as formas de trabalho de cuidados.

REDUZIR
a quantidade desproporcional do trabalho de cuidados realizado por meninas e mulheres

A redução do trabalho de cuidados não remunerado é essencial – e pode ser feita através de investimentos em serviços, tecnologia e infraestrutura que economizam tempo e trabalho. A redução do tempo gasto nos cuidados não remunerados proporciona mais tempo para educação, trabalho remunerado, lazer, descanso e tomada de decisões.

Recomendações para os governos

- Os governos em todos os níveis devem **investir na melhoria da infraestrutura física**, incluindo o acesso à água encanada, eletricidade, saneamento e transporte seguro para reduzir o tempo gasto em atividades de cuidados. Os governos também devem fornecer benefícios em dinheiro ou outros tipos de apoio financeiro do lado para permitir que as famílias adquiram **dispositivos, infraestrutura ou serviços que economizem trabalho** e reduzam o tempo gasto em cuidados em casa – por exemplo, fogões a gás ou vales-creche.
- Os governos devem investir em **sistemas e instrumentos nacionais de assistência intergovernamentais** para fornecer cuidados infantis universais e assistência a idosos e pessoas com deficiência. Esses sistemas de assistência devem cumprir e proteger os direitos universais a cuidados de saúde de qualidade e segurança social, como pensões e benefícios para crianças. Os governos devem garantir que esses sistemas de assistência sejam resilientes e estejam preparados para responder a crises complexas e interconectadas, incluindo mudanças climáticas, conflitos e pandemias.

  O sistema da ONU tem um papel crucial a desempenhar no apoio aos países para desenvolver e implementar sistemas de assistência abrangentes — através **do mapeamento de sistemas de assistência e do fornecimento de assistência técnica aos governos,** à medida que projetam e implementam políticas e programas para promover o trabalho decente no setor de cuidados.

Recomendações para escolas e centros de aprendizagem precoce

- Os centros de educação infantil devem **alinhar seus serviços às necessidades dos pais que trabalham**, oferecendo horários integrais e flexibilidade nos dias da semana.
- Reconhecendo que as meninas geralmente sofrem com a pobreza de tempo e, consequentemente, têm pouco tempo para lazer, as escolas devem garantir que **o tempo para brincar e descansar seja incluído nos currículos**, e as expectativas sobre as lições de casa e o estudo privado sejam razoáveis e estejam alinhadas com as realidades da vida diária das meninas.

Recomendações para os empregadores e locais de trabalho

- As empresas devem reconhecer o valor do trabalho de cuidados e promover o bem-estar dos trabalhadores, fornecendo acordos flexíveis para garantir que os pais de crianças pequenas possam **administrar e priorizar suas responsabilidades de cuidados em relação ao trabalho.**

REDISTRIBUIR
O trabalho de cuidados não remunerado de uma forma mais justa e equitativa em termos de gênero

Há uma necessidade urgente não apenas de reduzir o trabalho de cuidados não remunerado, mas de redistribuir as responsabilidades, o trabalho, a carga mental e o custo. Isto deve ser compartilhado de forma mais igualitária dentro das famílias e comunidades, e com o estado e o setor privado.

Recomendações para os governos

- Em parceria com as OSCs, o setor privado e líderes comunitários e tradicionais, os governos devem desafiar normas prejudiciais e **promover mudanças nas normas sociais** para equilibrar melhor a alocação de responsabilidades não remuneradas entre meninas e mulheres e meninos e homens nas sociedades e nos lares. Os governos devem investir em recursos para desafiar normas prejudiciais, inclusive através de campanhas públicas e estratégias de comunicação que enfatizem o valor do cuidado para a sociedade e promovam e **apoiem o envolvimento dos homens** no trabalho de cuidados.
- Os sistemas nacionais de assistência devem incluir uma legislação que **proteja e promova a licença-maternidade remunerada e a licença parental compartilhada remunerada** e que inclua um período de licença-paternidade do tipo use-ou-perca. Os governos devem encomendar estudos sobre licença parental para entender e abordar efetivamente barreiras específicas ao acesso.
- Os governos devem respeitar, garantir e proteger o direito das meninas e mulheres à participação econômica e **investir em políticas e sistemas de proteção social,** criando um ambiente propício para que as jovens entrem e prosperem no mercado de trabalho formal.
- Governos e ministérios da educação devem investir na educação transformadora de gênero desde a educação infantil até o ensino médio, como uma estratégia fundamental para abordar normas e estereótipos de gênero prejudiciais que perpetuam níveis desproporcionais e injustos de trabalho de cuidados para meninas e mulheres.
- Os governos devem legislar para proteger os direitos de todos os trabalhadores da área de cuidados, garantir que tenham acesso a treinamento apropriado e que sejam capazes de se beneficiar da negociação coletiva. Os governos também devem apoiar a transição dos trabalhadores da área de cuidados da economia informal para a formal. Em parceria com os empregadores, os governos devem investir na compreensão da **necessidade de fornecer creche para os filhos dos funcionários**, **promover a participação igualitária de mulheres e homens em profissões de cuidado**s e garantir caminhos para a promoção de mulheres a cargos seniores em ocupações de cuidados.

Recomendações para as escolas

- Os provedores de educação devem abordar as barreiras à conclusão da educação das meninas através de programas de inclusão que forneçam às meninas grávidas e mães adolescentes apoio e flexibilidade para continuar sua educação. **Apoio financeiro, educação sanitária adequada, educação vocacional e orientação profissional também devem ser fornecidos às meninas para apoiá-las para concluir sua educação.**

REPRESENTAR

as vozes e experiências das meninas na tomada de decisões em todos os níveis

As meninas fazem uma proporção significativa do trabalho de cuidados não remunerado, mas muitas vezes são excluídas dos espaços de tomada de decisão. Elas devem ser capazes de representar seus interesses e demandas com suas próprias vozes e participar da tomada de decisões em todos os níveis.

Recomendações para os governos

- Os governos em todos os níveis devem **consultar e incluir mulheres e meninas** no planejamento de políticas de serviço social e serviço comunitário, para garantir que as questões de gênero sejam levadas em conta em seu projeto, implementação e monitoramento. As vozes de mulheres e meninas devem ser centrais para avaliações sobre se o transporte, a infraestrutura e os serviços de assistência são compatíveis com o equilíbrio entre as responsabilidades domésticas e profissionais.
- Os governos devem facilitar a **participação de trabalhadores da área de cuidados e cuidadores não remunerados** em fóruns e processos de tomada de decisão em todos os níveis, para garantir que suas necessidades e interesses possam informar melhor a formulação de políticas.

Recomendações para ONGIs e agências internacionais

- As ONGIs e órgãos internacionais como a ONU devem **centralizar as vozes das adolescentes** no projeto, implementação e avaliação de programas, campanhas e intervenções que visem apoiar sua transição, no final da adolescência, da escola para o emprego.

Recomendações para as escolas

- As escolas devem **consultar as adolescentes** sobre o tipo de apoio de que elas precisam para administrar sua educação e outras responsabilidades e atividades concorrentes.
- As escolas devem proporcionar oportunidades para as meninas **desenvolverem suas habilidades de liderança,** através de clubes depois das aulas, equipes de debate e outras atividades.

Notas de Rodapé

1. England, P. (2005) Teorias emergentes sobre o trabalho de cuidados, *Annual Review of Sociology*, 31, p.385
2. Ibid.
3. Rost, L. (2020) *Trabalho de cuidados não remunerado e normas sociais: gênero, geração e mudança no norte de Uganda*, University of Oxford – Magdalen College, p.7-8
4. Ibid.
5. Plan International (2021) *Empoderamento econômico no mundo do trabalho: foco nos jovens, especialmente meninas e jovens mulheres*, pp.5-6. Disponível em: https://plan-international.org/uploads/2021/12/glo_economic_empowerment_in_the_world_of_work_policy_paper_eng_sept18.pdf. Consultado em: 09/01/2024.
6. Plan International (2019) *Política Global de Proteção de Crianças e Participantes de Programas.* Disponível em: https://plan-international.org/publications/global-policy-on-safeguarding-children-and-programme-participants/. Consultado em: 28/05/2024.
7. Hanna, T. et al (2023) *Previsão do tempo gasto em cuidados não remunerados e trabalho doméstico – Resumo Técnico, Frederick S Pardee Centre for International Futures e ONU Mulheres,* p.1-2. Disponível em: https://www.unwomen.org/sites/default/ files/2023-10/technical-brief-forecasting-time-spent-in-unpaid-care-and-domestic-work-en.pdf. Consultado em: 09/04/2024
8. UNICEF (2016) Usando o poder dos dados para as meninas, UNICEF, Nova York, p.10
9. Ibid.
10. Crivello, G. (2016) *Cuidados e crianças: Young Lives,* Relatório da UNICEF, Florença: UNICEF Innocenti, p.4.
11. Ghosh, A. (2017) *No trapézio: equilibrando o trabalho de cuidados não remunerado e o trabalho remunerado das mulheres no Nepal,* Relatório do IDS 2017:500.
12. Ferrant, G. et al (2014) Trabalho de cuidados não remunerado: o elo perdido na análise das disparidades de gênero nos resultados laborais, *OECD Development Centre*. Disponível em: https://www.oecd.org/dev/development-gender/Unpaid_care_work.pdf
13. Esquivel, V. (2013) *Cuidados em domicílios e comunidades: Documento de referência sobre questões conceituais,* Oxford: Oxfam International, p. 6. Disponível em: https://policy-practice.oxfam.org/resources/care-in-households-and communities-background-paper-on-conceptual-issues-302287/. Consultado em: 22/12/2023
14. Chant, S. (2013) Cidades através de uma "lente de gênero": uma "era urbana" de ouro para as mulheres no Sul global?, *Environment and Urbanization,* 25(1), 9-29
15. ONU Mulheres (2023) *O nexo clima-cuidado: abordando as conexões entre as alterações climáticas e os cuidados não remunerados e o trabalho doméstico e comunitário de mulheres e meninas* . Disponível em: https://www.unwomen.org/sites/default/ files/2023-11/working-paper-the-climate-care-nexus-en.pdf. Consultado em: 30/07/2024.
16. Pankhurst, A. et al (2016) Trabalho infantil em contextos familiares e comunitários: exemplos do Young Lives na Etiópia, *Young Lives,* p. 31
17. Plan International (2023) *Mudanças climáticas e educação de meninas: barreiras, normas de gênero e caminhos para a resiliência* – Relatório técnico, p.55. Disponível em: https://plan-international.org/uploads/2023/11/Climate-Change-and-Girls-Education_TechReport_Nov2023.pdf. Consultado em: 12/05/2024
18. Ghosh (2017) *No trapézio: equilibrando o trabalho de cuidados não remunerado e o trabalho remunerado das mulheres no Nepal,* p.21.
19. Boyden, J. et al (2020) Conciliar a escola e o trabalho com novas oportunidades: mudanças no uso do tempo das crianças na Etiópia (2006-2013), *Children's Geographies,* 19:1, p.79.
20. Rost (2020) Trabalho de cuidados não remunerado e normas sociais: gênero, geração e mudança no norte de Uganda , p.154.
21. Ibid.
22. Camilletti, E. et al (2018) *O papel das crianças na reprodução social: reexaminando o discurso sobre o cuidado pela lente da criança,* The Journal of Law, Social Justice & Global Development, 21, p.5.
23. Crivello (2016) *Cuidados e crianças: Young Lives,* p.3.
24. Pankhurst, A. et al (2016) Trabalho infantil em contextos familiares e comunitários: exemplos do Young Lives na Etiópia, *Young Lives,* p. 8
25. Crivello, G. and Espinoza-Revollo, P. (2017) Trabalho de Cuidados e Vulnerabilidade Temporal nas Relações entre Mulheres e Crianças, in Rosen, R. e Twamley, K. (eds) *Feminism and the Politics of Childhood, UCL Press, London,* p.143
26. Crivello, G. (2016) *Cuidados e crianças: Young Lives,* Relatório da UNICEF, Florença: UNICEF Innocenti, p.2.
27. Girls Not Brides (2022) *Os Cuidados e os Casamentos e Uniões Infantis, Precoces e Forçadas na América Latina e no Caribe,* p.2. Disponível em: https://www.girlsnotbrides.org/documents/1910/CARE_brief_English.pdf. Consultado em: 04/04/2024.

28. Plan International (2020) *Casamentos e uniões infantis, precoces e forçados:* Resumo da Política, Plan International: Woking, U.K., p.5. Disponível em: https://plan-international.org/uploads/2022/02/glo-cefmu_policy_brief-final-io-eng-jan21-1.pdf. Consultado em: 12/05/2024.
29. Ibid.
30. UNICEF (2021) *Rumo ao fim do casamento infantil: tendências globais e perfis de progresso,* UNICEF: New York. Disponível em: https://data.unicef.org/resources/towards-ending-child-marriage/. Consultado em: 14/05/2024
31. Girls Not Brides (2024) *Atlas do Casamento Infantil.* Disponível em: https://www.girlsnotbrides.org/learning- resources/child-marriage-atlas/atlas/. Consultado em: 14/05/2024
32. UNICEF (2022) *Perfil Estatístico sobre o Casamento Infantil: El Salvador,* UNICEF: Nova York. Disponível em: https://data.unicef.org/wp-content/uploads/country_profiles/El%20Salvador/Child%20Marriage%20Country%20Profile_SLV.pdf. Consultado em: 14/05/2024
33. Plan International (2020) *Casamentos e uniões infantis, precoces e forçados:* Resumo da Política, p.7.
34. Hanna (2023) Previsão do tempo gasto em cuidados não remunerados e trabalho doméstico.
35. Crivello and Espinoza-Revollo (2017) Trabalho de Cuidados e Vulnerabilidade Temporal nas Relações entre Mulheres e Crianças, p.143.
36. Crivello, G. (2016) *Cuidados e crianças: Young Lives,* Relatório da UNICEF, Florença: UNICEF Innocenti, p.6.
37. Craig L. and Mullan, K. (2011) Como mães e pais compartilham o cuidado dos filhos: uma comparação internacional do uso do tempo, *American Sociological Review,* 76:6, pp. 834-861.
38. Loveday, L. et al (2021) Compreendendo os atos cotidianos de resistência das meninas: evidências de um estudo longitudinal em nove países, *International Feminist Journal of Politics,* 25:2
39. As recomendações são baseadas nas seguintes publicações e documentos de posição: Plan International (2021) E*mpoderamento econômico no mundo do trabalho: foco nos jovens, especialmente meninas e mulheres: Documento de posição da Plan International.* Disponível em: https://plan-international.org/uploads/2021/12/glo_economic_empowerment_in_the_world_of_work_policy_paper_eng_sept18.pdf; Plan International (2023) Compreendendo os caminhos das mulheres jovens para o empoderamento econômico e a resiliência em contextos rurais . Disponível em: https://plan-international.org/uploads/sites/40/2023/10/4930-Plan-SOYEE-report-v9.pdf; Plan International (2017) *O direito à educação inclusiva e de qualidade: Documento de posição da Plan International.* Disponível em: https://plan-international.org/uploads/2022/01/glo_the_right_to_inclusive_quality_education_position_paper_final_io_eng_oct17.pdf; Plan International (2024) R*esposta ao apelo para contribuições sobre a Resolução 54/6 do Conselho de Direitos Humanos sobre a centralidade dos cuidados e apoio, de uma perspectiva de direitos humanos, Genebra: Plan International; Plan International* (2023) *Resumo da Política de Desenvolvimento da Primeira Infância e Proteção Social. Woking, U.K.: Plan International; ONU Mulheres* (2018) *Reconhecimento, Redistribuição e Redução do Trabalho de Cuidados. Práticas Inspiradoras na América Latina e no Caribe.* Disponível em: https://lac.unwomen.org/ sites/default/files/Field%20Office%20Americas/Documentos/Publicaciones/2018/11/Estudio%20cuidados/2b%20UNW%20Care%20Maping-compressed.pdf. Consultado em: 22/08/2024; ONU Mulheres (2022) Um kit de ferramentas sobre trabalho de cuidados remunerado e não remunerado: dos 3R aos 5R, Nova York: ONU Mulheres; Coffey, C. (2020) Tempo para cuidar: o trabalho de cuidados não remunerado e mal remunerado e a crise global da desigualdade, Oxford: Oxfam International; OIT (2018) T*rabalho de cuidados e empregos de cuidados para o futuro do trabalho decente,* Genebra: Organização Internacional do Trabalho.

Uma jovem de 14 anos cuida das plantas em uma horta comunitária no Brasil.

© Plan International

Until we are all equal

Sobre a Plan International

A Plan International é uma organização humanitária e de desenvolvimento independente que promove os direitos das crianças e a igualdade para as meninas. Acreditamos no poder e no potencial de cada criança, mas sabemos que isso é frequentemente reprimido pela pobreza, violência, exclusão e discriminação. E as meninas são as mais afetadas.

Trabalhando em conjunto com crianças, jovens, apoiadores e parceiros, lutamos por um mundo justo, abordando as causas principais dos desafios que meninas e crianças vulneráveis enfrentam. Apoiamos os direitos das crianças desde o nascimento até a idade adulta e as capacitamos para se prepararem e responderem a crises e adversidades. Impulsionamos mudanças na prática e na política em níveis local, nacional e global usando nosso alcance, experiência e conhecimento. Por mais de 85 anos, reunimos outros otimistas determinados para transformar a vida de todas as crianças em mais de 80 países.

Não vamos parar até alcançarmos a igualdade.

Plan International

Sede Internacional
Dukes Court, Duke Street, Woking,
Surrey GU21 5BH, Reino Unido

T +44 (0) 1483 755155

T +44 (0) 1483 756505

E info@plan-international.org

plan-international.org

facebook.com/planinternational
twitter.com/planglobal
instagram.com/planinternational
linkedin.com/company/plan-international
youtube.com/user/planinternationaltv

Publicado em 2024. Texto © Plan International

Agradecimentos

Nossos mais sinceros agradecimentos a cada menina, membro da família e membro da comunidade que participaram do projeto de pesquisa *Escolhas Reais, Vidas Reais* ao longo de sua história. Sem suas contribuições e tempo ao longo dos anos, esta pesquisa não seria possível.

O *Escolhas Reais, Vidas Reais* coleta dados em nove países – Benin, Brasil, Camboja, República Dominicana, El Salvador, Filipinas, Togo, Uganda e Vietnã. A cada ano, a coleta de dados é coordenada e gerenciada pelos escritórios nacionais da Plan International nos respectivos escritórios, e queremos agradecer às muitas pessoas envolvidas no processo, incluindo entrevistadoras, gerentes de logística, pontos focais de proteção e muitas outras. Um agradecimento especial deve ser feito aos nossos pontos focais no estudo em cada país: Roland Djagaly no Benin; Ana Lima no Brasil; SomNang Chhim, Vannara Ouk, Chanthou Sum, Heng Socheat e Buntha Sun no Camboja; Olga Figuereo na República Dominicana; Karina Argentina Moreno e Cristina Perez em El Salvador; Romualdo Codera Jr., Manny Madamba e Jay Rose Rodeo nas Filipinas; Joseph Badabadi no Togo; David Aziku em Uganda; e Trung Truong Vu no Vietnã.

Este relatório resumido foi escrito e editado pelo Dr. Kit Catterson e Sharon Goulds e é baseado no relatório técnico de mesmo nome, escrito pelo Dr. Kit Catterson com contribuição de pesquisa de Belen Garcia Gavilanes, Dra. Keya Khandaker e Adriana Marin Peroza.

Estamos imensamente gratos às seguintes pessoas pelos seus comentários e contribuições sobre o relatório e recomendações: Paula Alegria, Dr. Paul Fean, Isobel Fergus, Dra. Jacqueline Gallinetti, Dra. Keya Khandaker, Jane Labous, Anna MacSwan, Rachel Maranto, Tendai Manyozo, Nicole Rodger; Dra. Lucia Aline Rost, Kathleen Sherwin e Dra. Rosie Walters.

Desde 2021, o estudo foi generosamente financiado pelas Organizações Nacionais da Plan no Canadá, Dinamarca, Finlândia, França, Alemanha, Irlanda, Suécia, Suíça e Reino Unido, e gerenciado pela Plan International Global. Antes de 2021, o estudo foi gerenciado e financiado pela Plan International Reino Unido.

Design

Out of the Blue Creative Communication Solutions – www.outoftheblue.co.za